

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Discursos do Santo Padre ao Sínodo de Roma:

- |   |     |
|---|-----|
| 1 — <i>Sacerdote: pessoa sagrada — vida santa</i> .....                               | 193 |
| 2 — <i>No Sacerdote: a cabeça, o coração, a língua</i> .....                          | 199 |
| 3 — <i>A característica singular do sacerdócio católico: Sacerdos et Pastor</i> ..... | 205 |
| 4 — <i>Aos alunos dos Seminários e Colégios Eclesiásticos de Roma..</i>               | 212 |
| 5 — <i>Às Religiosas dos Institutos de Roma</i> .....                                 | 217 |

Diretrizes e Bases da Educação Nacional

- |  |     |
|--|-----|
| <i>Prof. Enrique Euclides da Silva</i> ..... | 225 |
|--|-----|

Observações pastorais sobre a Primeira Comunhão

- |                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| <i>Pe. Leão Douven C.Ss.R.</i> ..... | 229 |
|--------------------------------------|-----|

Ciência do ideal educativo

- |  |     |
|--|-----|
| <i>Pe. Otorino Fantin S.D.B.</i> ..... | 243 |
|--|-----|

Correspondência das Secções Estaduais

- |  |     |
|--|-----|
| <i>Atividades da Secção Est. de Minas Gerais</i> ..... | 249 |
|--|-----|

Novas Fundações .....

228

Comunicações .....

254

Bibliografia .....

256

**Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil**

**Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil**

**Diretor Responsável: Antônio Semin (Frei Amadeu de Caxias OFMCap.)**

## OS DISCURSOS DO SANTO PADRE POR OCASIÃO DO SÍNODO DE ROMA

*Em tradução especial para a Revista da C.R.B. apresentamos a nossos leitores as alocuções do Santo Padre João XXIII ao Sínodo da Diocese de Roma, realizado na última semana de janeiro (24-31).*

*Se o Sínodo se destinava diretamente para a cidade de Roma, grande, porém, deveria ser sua repercussão no mundo católico pela importância de novas leis e diretivas; e, sobretudo, pela palavra do Santo Padre aos Eclesiásticos presentes. Já no discurso de abertura o Santo Padre se dirigira num convite paternal “a todos os eclesiásticos, dos graus mais elevados da hierarquia até aos mais modestos, todos grandes colaboradores na cura das almas”, na certeza de que a “grande afirmação” do Sínodo Romano seria não só “para a renovação da vida espiritual” daquela Diocese, mas “para edificação do mundo inteiro, atento em olhar o bom exemplo dos Romanos e unido em espírito aos propósitos de vigorosa atividade para o reino pacífico de Cristo”. Na verdade nestas alocuções os sacerdotes, os clérigos, as religiosas, podem sentir de perto o coração do Pai que convive e vivamente deseja e quer a santificação do seu rebanho através da santificação pessoal para um apostolado mais vivo e mais eficiente para a santificação das almas.*

*As três primeiras alocuções que publicamos, dirigidas aos sacerdotes, foram proferidas durante as três sessões do Sínodo, nos dias 25, 26 e 27; a quarta, aos Seminaristas, no dia 28 na Igreja de S. Inácio; a quinta, a uma grande representação dos Institutos Religiosos que têm sede em Roma, no dia 29, também na Igreja de S. Inácio (1).*

### I — SACERDOTE: PESSOA SAGRADA — VIDA SANTA

Veneráveis Irmãos, queridos filhos.

Inaugurando ontem à tarde nossas Sessões Sinodais prestamos homenagem aos dois gloriosos Santos de nome João, o Batista e o Evangelista, ambos titulares da sacrossanta Arquibasílica Lateranense, dedicada ao SSmo. Salvador, e catedral insigne da diocese de Roma.

1) Ver “Oss. Rom.”, supl. sem, 1 de fev. de 1960.

Ao terminar aquela primeira cerimônia de introdução, que saíu tão solene e comovedora, parecia-Nos sentir quase a voz do velho Zacarias, profeta e salmista, que se dirigia a nós, como ao recém-nascido seu filho: a nós, que nos tornamos continuadores e objetos de seu grande presságio: voz animadora para que nos aproximemos da presença do Senhor e para prepararmos seus caminhos, *ad dandum scientiam salutis plebi eius* (Lc. 1, 76-77).

Agora nos encontramos aqui; de fato, transferimos nossas tendas a esta colina do Vaticano, perto da sagrada memória do príncipe dos Apóstolos, Pedro, que espontaneamente relembra a de Paulo, ambos figuras eminentes, que ontem à tarde encontramos nas lembranças do Concílio, dito de Jerusalem, primeiro ensaio de convenção Sinodal.

Será muito agradável nosso conversar com eles, e deleitar-nos no ensinamento deles, hóspedes que somos em sua moradia.

Ó Pedro, ó *Simon Ioannis*, como foste chamado no ato solene de tua altíssima investidura, eis aqui: teu longinquo e indigno sucessor, na dupla tarefa de Vigário de Cristo na terra e de Bispo de Roma, está perante ti, humilde e compungido como tu o foste quando o Mestre prestes a instituir o maior dos Sacramentos, quis lavar, como fez, teus pés. Tu sabes que naquela hora tão trépida, o último chamado ao teu lugar repetiu também ele o "*non tantum pedes meos, sed et manus et caput*" (Jo 13, 9). Sê a ele propício em sua tarefa tão grave de pastor e de pai com êstes seus mais preciosos e caros colaboradores na ordem sacerdotal.

Ê tu, ó Paulo, vaso de eleição e doutor dos gentios: associado no magistério, no culto, na glória ao apostolado de Pedro, obtém para todos nós, aqui congregados, teu espírito e tua chama difundida na sequência de tuas quatorze epístolas, ainda e sempre resplandecentes como lâmpadas na Igreja do Senhor.

Irmãos e filhos.

Com esta invocação dupla, nós percebemos que podemos ir decididamente adiante em nosso caminho. O estudo muito atento e fervoroso de cada uma das ordenações de vida e de ministério pastoral está diante de vós numa série de artigos redigidos com competência, com clareza, com eficácia, que mereceram já a admiração e o louvor de pessoas muito competentes e respeitáveis, que convidamos para examiná-los e julgá-los. Trata-se de um complexo imponente de pontos doutrinários e de disciplina, cuja aplicação prática na vida do clero e do povo Romano será portadora, se a graça de Deus nos ajudar, de verdadeiro progresso religioso e social, tanto mais notável quanto mais correspondente às condições modernas de pensamento e de costume.

A solicitude do Bispo para com a própria Diocese, além da preparação de boas ordenações de caráter disciplinar, é um esforço de atingir as vontades para que façam, para que se renove aquilo que traz sinais de cansaço e de antiquado, e tudo seja alimentado com novas energias.

O ponto central e mais elevado para êste novo recôbro de vigor e de beleza espiritual é o sacerdote, e, no sacerdote, a *peessoa* e a *vida*.

Pois bem, *a peessoa do sacerdote é sagrada: a vida deve ser santa*.

Deixai que sobre êstes dois pontos Nós vos detenhamos um pouco.

Diletos Irmãos e filhos: poderíamos ocupar vossa atenção com largueza

de exploração doutrinária, patristica, ou baseada em considerações de ordem e de estilo moderno e moderníssimo. Preferimos fazer a menos disso, e deter-Nos ante as duas fontes de celestial, de evangélica e de eclesiástica doutrina, quais são: o ensinamento de São Pedro e de São Paulo em suas epístolas e, ao lado destes dois oráculos, os *Cânones* e os *Decretos* do Concílio Tridentino, completados e ilustrados pelo preciosíssimo *Catecismo Romano*: o "*Catecismo do Concílio Tridentino*" publicado por São Pio V (1566) e reeditado pelo Papa veneziano Clemente XIII (1758-1769). Este *Catechismus Romanus* o Cardeal Agostinho Valerio, amigo de São Carlos Borromeu, dizia-o "*divinitus datum Ecclesiae*" e já que o ensejo Nos é propício dêle aproveitamos — mesmo pelo título do volume que honra Nossa cidade episcopal — para chamarmos a atenção sobre o altíssimo valor seu para o uso comum da sagrada pregação nas paróquias, e para quem tem pouco tempo para estudos profundos, e ainda para quem, ocupado nestes, anseia por uma exatidão teológica, dogmática e moral. Dizer isto é também uma recordação — queirais Nos desculpar disso — de Nossa juventude, alegre e operosa, tendo-Nos ocupado também para a imprensa do mais largo conhecimento dêste verdadeiro e preciosíssimo tesouro. "*Ad juvandam rempublicam Christianam; et restituendam veterem Ecclesiae disciplinam nobis divinitus datum esse videmus...* — são as palavras do antigo Bispo de Verona — *vos qui aliquantulum aetate processistis* — êste é o caso Nosso e dos mais velhos entre vós — *legite hunc catechismum, septies et plusquam septies: mirabiles enim fructus ex eo percipietis*".

Para abordar nosso tema dizemos, pois, que a pessoa do sacerdote é *sagrada*. Como tal vem iniciada e persignada na ritual ordenação. A tarefa primeira e principal do sacerdote é oferecer-se como hóstia imaculada para realizar a obra de Cristo Redentor do gênero humano. Desta união com Cristo que renova sobre o altar o sacrifício da Cruz, o Concílio de Trento diz muito bem: "*Divina res est tam saneti sacerdot ministerium*" (Sess. XXIII, c 2) Êste caráter de consagração aumenta a dignidade quando se lhe acrescenta o poder de perdoar os pecados conferido ao sacerdócio: "*Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?*" (Mc 2, 7).

Pois bem, torna-se natural que êste oferecimento divino e êste exercício de misericórdia de perdoar os pecados em nome de Jesus que faleceu pelos pecadores e que é continuamente saudado, por indicação antes de tudo do Batista, como Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, se eleve, se eleve mais agradável a Deus, quanto mais inocente, puro, imaculado, afastado do pecado e elevado nos céus fôr o sacerdote que com Jesus se oferece e no nome de Deus absolve. Diz-se que como "Cristo é de Deus", assim os seus sacerdotes chegam a ser possuídos e guiados por Cristo e por Deus.

Malaquias já formulara êste elogio da pessoa do antigo sacerdote: "Êle é o anjo do Senhor".

Passando da *figura* à *vida* sacerdotal, compreende-se como esta, a vida, deva *ser santa*.

Assim, de fato, a descreve São Pedro no exórdio de sua primeira epístola (1. Pdr 1), na qual saúda os fiéis da dispersão: Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia: regiões a Nós pessoalmente muito caras; mas, infelizmente, ago-

ra tão longê de Cristo, se é que o respeitam ainda um poticô em seus sequazes que passam por lá. O Apóstolo, pois, envia-lhes uma mensagem de graça, de paz e de santificação no Espírito, na obediência, na aspensão do sangue de Cristo. O que é esta aspensão de sangue senão uma nova lembrança do sacrifício do corpo e do sangue ao qual está consagrado o sacerdote de Cristo? Expressão verdadeira e simbólica sta, que a um doutor mais recente da Igreja fez escrever: *Cristus magna sacerdotum tunica*: Cristo é a grande túnica do sacerdote, como a dizer que a vida do sacerdote deve ser tôda permeada da santidade de Cristo. "*Induimini Dominum Jesum Christum*", Palavras exatas de São Paulo (Rom 13, 14)

Mais adiante, na mesma sua epístola, São Pedro, no voto sublime de sua alma apostólica, fala juntamente a todos os seus, aos eleitos, que provaram *quoniam dulcis est Dominus* (1 Pdr 2, 3). Com êles se regozija, chamando-os pessoas vivas sobrepostas à grande pedra angular, desprezada pelos homens, mas por Deus escolhida e glorificada. "Aproximai-vos desta pedra — diz êle — e edificai sôbre ela, sereis uma casa espiritual, um sacerdócio santo para oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo". E mais adiante ainda repete: "Vós sois uma raça eleita, sacerdócio real, gente santa, povo de aquisição destinado para proclamar a virtude daquele que das trevas vos chamou para sua luz admirável, que fez de vós o povo de Deus" (ibid 2, 4-10).

Reparai como estas expressões tão ardentes não se referem exatamente ao estado sacerdotal pròpriamente dito, mas a todo povo cristão, convidado, em sentido muito largo, a oferecer — cada um dos fiéis — o dom de si mesmo a Deus, Isso levou Santo Tomás a estas conclusões: "*Totus ritus Christianae religionis derivatur a sacerdotio Christi. Et ideo manifestum est quod character sacramentalis specialiter est character Christi cujus sacerdotio configurantur fideles secundum sacramentales characteres: qui nihil aliud sunt quam quaedam participationes sacerdotii Christi, ab ipso Christo derivatae*" (Sum. Theol. 3, q. 63, a, 3 c.).

Ouçamos agora, extensamente, também São Paulo. Ouvireis, queridos filhos, ouvireis. Por sua vez, na epístola aos Hebreus (cfr. 5, 1-5) e na segunda a Timóteo, êle exalta o sacerdócio dos presbíteros constituídos para serviço e benefício dos homens, para suas relações com Deus a quem oferecem dons e sacrificios. Ensino que toma a aspecto de muita gravidade, quando ordena que "ninguém que combate se implique nos afazeres da vida, afim de que possa agradecer a quem o recrutou" (2 Tm 2, 4).

Afirmção franca que, afirmando implicitamente o caráter sagrado da pessoa sacerdotal, estabelece os contornos de sua esplendorosa fisionomia, e dá forma de santidade à sua vida.

Oh, ouvíssemos bem e sempre, nós sacerdotes do Senhor, estas palavras! E tomássemos o exemplo de Cristo Jesus que aos 12 anos, a sua Mãe e a São José que se queixavam de o ter perdido, respondeu — justamente para dar uma regra aos seus sacerdotes de futuro —: "Não sabeis que tenho que me ocupar das coisas de meu Pai?".

É São Lucas que nos conta êste episódio (2, 48-49). E é o mesmo São Lucas que no seu Evangelho Nos oferece outras páginas admiráveis acerca do desinteresse do sacerdote para as coisas materiais da vida e acerca da atitude de seu espírito entre os acontecimentos da terra. Da proximidade do mundo o

sacerdote não pode subtrair-se, sobretudo se leva as solitudes mais graves do ministério pastoral no qual o exercício da caridade, que é uma grave tarefa e um dever, pode tornar-se uma tentação para a própria alma sacerdotal.

Procurai ler, queridos filhos, por êstes dias, todo êste capítulo XII de São Lucas, ao qual um exegeta da Bíblia — o Ps Hetzenauer — so o título geral "*Institutio discipulorum et turbarum*" faz seguir vários argumentos: "*De sinceritate et animo impavido — de avaritia vitanda — de sollicitudine superflua — de vigilantia — de dispensatione fidei — de separatione hominum — de probatione temporis*".

Ao ouvir estas coisas São Pedro, que estava presente, perguntou ingenuamente a Jesus: *Domine, ad nos dicis hanc parabolam; an et ad omnes?* (Lc 12, 41). Mas isso que nos dizes é somente para nós ou também para todos os que te ouvem? O Senhor continuou seu sermão numa admoestação de prudência, de discrição, justamente para quem tem responsabilidades mais graves na vida, que é sustentada pela memória da vocação recebida. E essa dos discípulos, — Pedro e companheiros — era uma grande vocação.

Isso está a demonstrar que o verdadeiro sacerdote, o apóstolo do Senhor, não só deve ser perfeito no exercício daquelas virtudes nas quais também os leigos reconhecem seu bom *modus vivendi*; mas deve também sobrepujá-los no exemplo luminoso e em edificação para toda a grei cristã, que sente o direito, e às vêzes até o reclama, de ter o padre santo na paróquia, para bênção e paz de todas as famílias.

Voltemos a São Paulo ainda mais diretamente.

Nestes dias que seguiram às festividades natalícias, a Santa Igreja faziamos saborear no Breviário a epístola do grande Doutor aos Romanos (cap. oitavo etc.).

Que magnificência e que esplendor de apostólico, de pastoral ensinamento! Duas partes: como duas grandes asas de doutrina celestial estendidas sobre os filhos da Redenção. Na primeira parte: o Evangelho, revelação da justiça de Deus, que não vem da filosofia ou da antiga lei, mas da palavra, da palavra de Jesus Cristo; depois o Evangelho, virtude salvadora de todos os crentes: que nos livra do pecado original, do pecado atual, da servitude à lei, da condenação de morte: para a vida em Cristo, vida de graça, vida de glória: pelo auxílio do Espírito Santo, que sara as nossas enfermidades, que roga e pede por nós *gemitibus inenarrabilibus* (Rom 8, 26). Está aqui o ponto luminoso da santificação do novo sacerdócio: *quia secundum Deum postulat pro sanctis* (ibid 8,27). Já que isso o sabemos para corroboração da boa vontade de santificarmos-nos, que "*diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum, iis qui secundum propositum vocati sunt sancti*" (ibid. 8, 28). "*Nam quos praescivit et praedestinavit conformes fieri imaginis Filii sui ut sit ipse primogenitus in multis fratribus. Quos autem praedestinavit, hos et vocavit; et quos vocavit, hos et justificavit; quos autem iustificavit, illos et glorificavit*" (ibid. 8, 29--30).

Refletí, queridos irmãos, quão grande é o nosso privilégio, que honra para nossa alma sacerdotal e para nossa vida. É que grande empenho para nós, de santificarmo-nos de verdade e de santificarmos tudo quanto nos rodeia.

Jesus, filho de Deus, sacerdote eterno, tornou-se nosso irmão primogênito.

Ser sacerdotes com êle, votados a prolongar com êle a obra redentora do mundo, confere ao nosso humilde nome um esplendor incomparável para nossa alma, e uma dignidade quase mais sublime da dos anjos.

“Se Deus Pai, e com êle seu Filho, Jesus, está conosco — continua o doutor dos gentios em sua epístola a nossos antepassados de Roma — se o Filho de Deus está conosco e nós participamos de seu sacerdócio, *quis contra nos?* (ibid. 8,31). Quem nos separará do Amor seu, que suplica ao Pai por nós? A tribulação? a angústia? a fome? a nudez? o perigo? a perseguição? a espada? Medo nenhum. Nós somos, nós seremos sempre vencedores, e antes mais do que vencedores, por obra daquele que nos assumiu no sacerdócio como irmãos, e como tais nos amou e nos ama.

A mensagem Paulina prossegue agitando na segunda parte a outra asa luminosa e tôda resplendente de sugestões admiráveis acêrca de nossos deveres para com Deus, para o próximo, para conosco mesmos e alertando-nos sobre muitas outras coisas a evitar: juízos temerários, escândalo dos pequenos, e outras coisas a fazer, como o amparo da fraqueza humana de quem está enfermo: e com aquêle convite tão precioso e comovedor: *Unusquisque vestrum proximo suo placeat in bonum ad aedificationem*” (ibid. 15, 2). Cada um de nós procure agradar ao próximo fazendo o bem para edificação. Ao que segue a recomendação para o exercício da paciência a exemplo de Jesus que sofre, *“ut per patientiam et consolationem Scripturarum spem habeamus”* (ibid. 15, 4).

Queridos Irmãos e filhos. Apraz-Nos convidar-vos para uma leitura pessoal e bem atenta também de tôda esta obra prima do apostolado Paulino, a espíto-la aos Romanos. Encontrareis nela luzes escondidas e preciosíssimas, e razão de consolações inefáveis.

Numa destas manhãs, entregues como estávamos em coligir os pensamentos que foram o objeto dêste nosso primeiro colóquio confidente sobre a consagração e sobre a santificação de nossa alma e de nossa vida, advertimos uma pequena perturbação do espírito na procura do gesto divino de Jesus, de quem saiu em palavras autênticas, a consagração de todos os bispos e de todos os sacerdotes do mundo. Chegáramos ao Cãnon da Missa. As palavras, as bênções, as cruzes, o fervor — não seráfico certamente, mas humilde e sincero — eram perfeitos conforme as minuciosas prescrições litúrgicas. *Hoc est corpus meum. Hic est calix sanguinis mei...*: com pronúncia secreta, contínua e atenta sobre o cálice, *parum elevatum*. Tudo correu bem. Mas, — ó doce ó inesquecível surpresa! especialmente vieram-Nos muito bem as palavras sucessivas, lidas no Missal e repetidas com voz ainda mais leve, antes da genuflexão ao cálice e sua elevação às vistas do povo: *“Haec quotiescumque feceritis in mei memoriam facietis”*. Exatamente no sentido das palavras de São Lucas sobre êste ponto (Lc 22, 19). *Dedit eis dicens: hoc facite in meam commemorationem*.

Vós Nos compreendeis, queridos Irmãos e filhos. Alguma vez não pode acontecer também a vós, que estas palavras, entre um gesto, uma genuflexão e outra, quase vos passem despercebidas um pouco?

Formulamos também o voto — e será uma das lembranças do Sínodo Romano — de que a celebração quotidiana da Santa Missa continue sempre fervorosa e piedosa por parte de cada um e de todos nós. Mas igualmente rogamos

ao nosso anjo de guarda que nos assiste no rito sagrado, para que nesse ponto nos inspire suavemente e nos auxilie em pronunciar, *secrete*, conforme a prescrição da rubrica, com ternura, as palavras quase receosas e trémulas que, selando o testamento de amor de Jesus para conosco, consagram a divina realidade de seu e de nosso sacerdócio, e nos reservam as alegrias inefáveis e perenes desta e da outra vida. *Haec quotiescumque feceritis in mei memoriam facietis.*

Assim é, assim seja.

## II — NO SACERDOTE: A CABEÇA, O CORAÇÃO, A LÍNGUA

Veneráveis Irmãos, queridos filhos,

A nota inicial desta segunda alocação é-Nos oferecida pelas Atas do Concílio de Trento, justamente no primeiro capítulo *de reformatione* da Sessão XXII. São pontos de doutrina e diretivas práticas de conduta que Nos são familiares desde os anos do Seminário, e que ainda retemos e repetimos de cor. “Nada é mais eficaz para alentar a piedade e o culto de Deus no povo cristão como a vida e o exemplo dos que se dedicaram ao ministério divino”. Pelo fato de estarem aliviados dos cuidados do século e colocados em alto, os sacerdotes são respeitados pelos olhares de todos, e procurados como razão de edificação e de exemplo. “Por isso *sic decet omnino* — êste *decet* a todo custo — mais que conveniência impõe necessidade e preceito: *clericos in sortem Domini vocatos, vitam moresque suos omnes componere, ut habitu, gestu, incessu, sermone, aliisque omnibus rebus, nihil nisi grave, moderatum, ac religione plenum prae se ferant. Levia etiam delicta, quae in ipsis maxima essent, effugiant; ut eorum actiones cunctis afferant venerationem*”.

São palavras textuais do Concílio: às quais se acrescentam estas outras: “*Quo maiore in Ecclesia Dei, utilitate et ornamento haec sunt: ita etiam diligentius sunt observanda*”.

Aqui, pois, está o retrato fiel do verdadeiro sacerdote de Cristo, como vem fixado e delineado: é o espelho no qual cada eclesiástico é convidado mirar a si mesmo, para uma modesta satisfação própria ou para própria confusão. É na verdade uma tal compostura de vida e de costumes no modo de vestir, nos gestos, no andar, no uso da palavra, tal serena e atraente gravidade, agradavelmente permeada de piedade religiosa, despertam logo e de encanto respeito e veneração. Êste complexo de boas qualidades, à medida que traz edificação e adorno na Igreja do Senhor, precisa ser guardado com diligência, continuidade e fervor.

Todavia até aqui não temos senão a fachada exterior de um eclesiástico que se respeite e que promete ter um bom êxito no serviço da S. Igreja e das almas. Esta aparência feliz em se apresentar e agir em tanto vale em quanto é como que um manto precioso do tesouro natural ou adquirido das virtudes morais que, fecundadas e desabrochadas pela graça de Deus, constituem a substância viva da santidade sacerdotal.

Permiti-Nos, Veneráveis Irmãos e filhos queridos, que mencionemos algumas destas virtudes em relação a três elementos característicos da pessoa humana e da dignidade sacerdotal, isto é, a cabeça, o coração, a língua.

... E comecemos pela cabeça: *a capite* antes de mais nada. É da cabeça que se medem a doutrina, o juízo, o bom senso do homem de Igreja, do Sacerdote de Cristo.

A ciência supõe o estudo; e o estudo é necessário: desde os anos de preparação sacerdotal, aos do exercício do ministério sagrado, até aos últimos da vida, quando mais agradam as lembranças das vigílias de estudo da juventude, e sua aplicação torna-se a cada ano mais sábia e mais preciosa.

Hoje, mais do que nunca, é evidente a necessidade de uma boa cultura. O ignorante, o incapaz não pode, não deve ser ordenado sacerdote. Seminários, Sínodos, Concílios, Constituições pontifícias, doutrina dos Padres e dos teólogos, exigem a aplicação da cabeça, e com isso o esplendor da doutrina. Portanto é necessário estudar, e estudar por toda a vida. O objeto de estudos sempre novos nunca faltará.

Porém é igualmente grave, na escolha dos livros, proceder com cautela: já que nem todos prestam, nem todos são perfeitos quanto a sua adaptação à pura doutrina do Evangelho, e dos intérpretes mais conhecidos e seguros do ensino cristão.

Dêste ensino todo bom sacerdote deve poder dar o testemunho mais fiel. E é nesta tarefa que se mede o bom juízo e o valor de cada um. A superabundância da produção literária em todos os setores da sabedoria humana torna-se muitas vezes tentação de debandada intelectual, de posições extravagantes e perigosas, para as quais corre quem carece de experiência, e é facilmente levado, e cedo, a confiar em si próprio.

O conhecimento dos Livros Sagrados: Antigo e Novo Testamento; dos Padres e dos grandes mestres da filosofia e da teologia, das quais é príncipe o Aquinate; a ciência litúrgica e sua aplicação, verdadeiro jardim delicioso das flôres e das árvores mais perfumadas e majestosas; e, em terceiro lugar o conhecimento e a prática da legislação geral do Código de Direito Canônico colocado a serviço da ordem social, assim na parte interior ou na administração diocesana, como nas relações com o mundo exterior, constituem as três fontes de doutrina, de disciplina e de santificação, das quais se elevam as cabeças robustas e firmes dos melhores sacerdotes, que se tornaram servidores verdadeiros e nobres da Santa Igreja e das almas. Há talvez eclesiástico, ainda que de modestas proporções intelectuais, que não possa aspirar a esta satisfação íntima que a graça do Senhor assegura à boa cultura atingida não em pequenos riachos, mas nas obras vigorosas das quais. também nossa época é capaz, numa emulação humilde e corajosa com as grandes publicações do passado, Padres, escritores e Doutores da Igreja, sempre mestra de verdade em todos os séculos?

São Pedro admoesta em sua segunda epístola acerca da especial atenção que se deve usar em matéria de estudos bíblicos: *cui bene facitis attendentes* — são suas palavras — *quasi lucernae lucenti in caliginoso loco, doce dies clucescat et lucifer oriatur in cordibus vestris: hoc primum intelligentes, quod unum prophetia Scriptur propria interpretatione non fit*” (Pdr 1, 19-20).

Igual critério de julgamento em exercício de sobriedade intelectual será por todos bem aplicado também para os outros estudos, alertados contra a tentação de parecer originais e modernos; isto é, critério de confiança na Santa

Igreja docente quando orienta e corrige (Encíclica "*Humani Generis*", 12 de agosto de 1950). Vem a propósito quanto um distintíssimo escritor eclesiástico recente e insigne pastor de almas, escrevia a seus sacerdotes alertando-os paternalmente: "o subjetivismo pessoal em teologia torna heréticos; em ascética alimenta iludidos, e nas disciplinas canônicas cria indisciplinados, portanto desviados da cooperação às obras de Deus" (Card. Schuster).

Agradecemos a Deus bendito e permaneçamos sempre na realidade. A "*lex supplicandi*" oferece seu luminoso testemunho à *lex credendi*: e o Direito Canônico representa por sua vez na *lex vivendi* a síntese mais bela e mais autorizada da vida cristã e sacerdotal santamente atuante.

E agora, Veneráveis Irmãos e queridos filhos, da cabeça passemos ao coração.

Quando se diz de um sacerdote: *é um homem de coração*: esta é a primeira nota feliz que inicia um elogio ao qual comumente muita gente facilmente adere. E adere muitas vezes de tal modo até perdoar também alguma exuberância de impulsos da cabeça menos ajustados e oportunos. Dá-se também muito crédito a quanto foi escrito, com autoridade mais de literato que de filósofo e de moralista, e isso é aplicado largamente, isto é que freqüentemente "o coração tem as suas razões que a razão não conhece". Ora, a dignidade de nosso ministério nos sugere não tomar isso com levandade. Também as razões do coração devem ser estudadas, justificadas e corrigidas.

O coração de um sacerdote deve estar repleto de amor, como a cabeça deve resplandecer de verdade e de doutrina. Amor a Jesus, ardente, piedosíssimo, que vibra, e aberto a tôdas aquelas efusões de intimidade mística que tornam tão atraente o exercício da piedade sacerdotal da oração: assim daquela oficial da Igreja universal, como daquela das formas privadas bem escolhidas e praticadas, e às quais poder se entregar é delícia e alimento saboroso do espírito; é fonte perene de coragem, de consôlo nas dificuldades, às vezes entre as asprezas da vida e do ministério sacerdotal e pastoral.

Amor à Santa Igreja e as almas, especialmente àquelas confiadas a nossos cuidados e às nossas mais sagradas responsabilidades: almas que pertencem a tôdas a camadas sociais; mas, com interêsse e solicitude particular, almas de pecadores, de pobres de tôda espécie, de quantos caem sob a enumeração das obras de misericórdia, trazendo no conjunto todo das relações a inspiração da caridade evangélica.

Quão lindas são estas expressões de São Pedro: "*Animas vestras castificantes in oboedientia charitatis, in fraternitatis amore, simplici ex-corde invicem diligentes attentius*" (1 Pdr 1, 22).

A caridade e a fraternidade em contenda no estudo da purificação não só da alma, mas do corpo, e da carne, "regenerados que somos não de semente corrutível, mas incorruptível por virtude da palavra de Deus vivo, que permanece eternamente" (1 Pdr 1, 23).

Tendo chegado a êsse ponto de sua, não segunda, mas primeira epístola, São Pedro nos introduz, numa passagem rápida de imagens e de palavras, a uma admoestação que tange de perto a realidade de nossa vida sacerdotal, repleta, sim, e fortalecida pela graça, que dá existência aos anjos e aos santos, mas não imu-

nizada das tentações da carne, que representam um perigo cotidiano, um lôgro continuado, tramado às vêzes contra a bondade do coração. Sim, coração e carne, quão grande preocupação para nossa fidelidade aos grandes e santíssimos empenhos assumidos em nossa ordenação sacerdotal, desde o dia em que ouvimos dizer para nós perante o altar: *Adhuc liberi estis*, e depois um minuto de silêncio demos nosso passo à frente para uma consagração de nossa vida registrada nos céus, e também aqui na terra proclamada perante tôda a Igreja e o mundo inteiro!

Também o coração é de carne, e coração e carne devem caminhar juntos. Ouvi o que diz São Pedro a êste ponto de sua Epístola: *Omnis caro ut foenum; et omnis gloria eius tamquam flos foeni. Exaurit foenum, et flos eius decedit.* “Tôda carne é como feno, e todo o seu esplendor é como a flor do feno; o feno secou e sua flor caiu”.

Diletos Irmãos e filhos. Êste nosso cargo de sagradas responsabilidades pontificais e pastorais é aliviado pelas muitas graças do Senhor que vem em socôrro de Nossa indignidade. Convidamo-vos em vos unir ao Nosso espírito para bendizer ao Senhor. Mas, sabeis o que aflige de vez em quando mais vivamente Nossos dias? É o gemido, de perto ou de longe — e não só de Roma, portanto — mas dos pontos mais variados da terra, que chega até aqui, o gemido de almas sacerdotais às quais a companhia do coração e da carne na viagem da vida, e até no exercício pouco vigilante do sagrado ministério, trouxe grande prejuízo, no conspêto de Deus, e, perante a Igreja e as almas, grande deshonra e penas muito grandes e muito amargas. Sôbretudo Nos penaliza o fato de que, para salvar algum pedaço da própria dignidade perdida, alguém possa fantasticar acêrca da vontade ou da conveniência para a Igreja Católica de renunciar àquilo que por séculos e séculos foi e permanece uma das glórias mais nobres e mais puras de seu sacerdócio. A lei do celibato eclesiástico, e o cuidado em a fazer prevalecer fica sempre uma evocação às batalhas dos tempos heróicos, quando a Igreja de Cristo teve que se bater, e o conseguiu, para o êxito de seu trinômio glorioso, que é sempre emblema de vitória: Igreja de Cristo, *livre, casta e católica*.

Para prevenir as fraquezas do coração, para detê-las, para corrigir suas nefastas conseqüências, São Pedro retoma a palavra que suspendera perante a flôr do feno, a *flos foeni*, que secou, e a continua numa tonalidade de insistente convite ao coração de seus sacerdotes, para o exercício da caridade, quase como garantia de preservação em quedas graves, às quais leva a fraqueza dos sentidos, como a um castigo inexorável pelo mau uso da língua.

Eis-nos assim ao terceiro ponto de observação que Nos propusemos tratar com referência ao empenho de nossa santificação sacerdotal.

Que palavras! que ensinamento para todos, mas particularmente para o clero!

Trata-se, portanto, não mais da cabeça, ou do coração, mas da língua. Êstamos sempre na doutrina e na ordem da caridade: mas com especial referência à dádiva feita por Deus ao homem, de transmitir ao céu e à terra em voz ressoante aquilo que é interioridade do espírito.

“Sêde unidos — escrevia São Pedro de Roma aos distantes fiéis da Ásia

Menor, antiga que é a atual Anatólia — sêde todos unidos, compassivo, amando os irmãos, misericordiosos, modestos, humildes: não retribuindo o mal com o mal, nem a maldição com maldição, pelo contrário abençoando, pois a isso fostes chamados, isto é, para possuir em herança a bênção. Quem ama a vida e quizer gozar de dias felizes, refreie sua língua do mal, e seus lábios não contem mentiras. Fuja do mal e faça o bem; procure a paz e siga-a porque os olhos do Senhor estão voltados sôbre os justos e seus ouvidos estão atentos às suas orações. A face do Senhor, porém, está contra aqueles que fazem o mal” (1 Pdr 3, 8-12).

Sim, Irmãos e filhos: não vos desanime o que estamos para dizer. Temos a impressão de que, acêrca do govêrno da língua, mais ou menos todos pecamos um pouco: e que o saber calar e o saber falar na hora e bem seja sinal de grande sabedoria e de grande perfeição sacerdotal.

Num lindo volume que revela as intimidades espirituais de Nosso grande precessor Pio XII de gloriosa recordação (Carlo Confalonieri, *Pio XI visto da vicino*, Edit. SEI — Torino — Cap. II, p. 105), diz-se que êle, mesmo sendo tão douto, tão compenetrado de sua dignidade e responsabilidade, era ao mesmo tempo tão reservado nos julgamentos, que nunca dizia mal de alguém, e quando lhe acontecia ouvir falar disso por outros, mesmo na intimidade da conversa, volvia tudo para uma interpretação benigna ou sem nada mais fazia parar a conversa.

A longa prática da vida ensina a todos que para a felicidade de nosso espírito é mais útil procurar nas coisas o bem e nêle parar, do que o mal e o que é defeituoso, e salientá-lo com leviandade, e pior ainda se com maldade.

Conhecemos a respeito disso o ensinamento de São Pedro. O Apóstolo São Paulo é ainda mais forte: nem é necessário citá-lo aqui. Sobretudo é enérgica a linguagem de São Tiago o qual, descrevendo as misérias e os prejuízos do muito falar contra a verdade e contra a caridade, supera tôda comparação. O texto de sua *epístola catholica* mereceria ser decorado a êsse respeito, e esculpido nas paredes das moradias dos eclesiásticos. Na edição Hetzenauer, no cap. III está impressa com o subtítulo “De ambiente docendi” (Tg 3, 1-18)

“Nolite plures magistri fieri, fratres mei, scientes quoniam maius iudicium sumitis. In multis enim offendimus omnes. Si quis in verbo non offendit; hic perfectus est vir: potest etiam freno circumducere totum corpus... Língua iudicium quidem membrum est, et magna exaltat. Ecce quantus ignis, quam magnam silvam incendit! Et lingua ignis est, universitas iniquitatis. Língua constituitur in membris nostris, quae maculat totum corpus, et inflammat rotam civitatis nostrae, inflammata a gehenna. Omnis enim natura bestiarum et volucrum et serpentium et caeterorum domantur, et domita sunt a natura humana: linguam autem nullus hominum domare potest, inquietum malum, plena veneno mortifero. In ipsa benedicimus Deum et Patrem, et in ipsa maledicimus omnes, qui ad similitudinem Dei facti sunt. Ex ipsa procedit benedictio et maledictio. Non oportet, fratres mei, haec ita fieri... Quis sapiens et disciplinatus inter vos? Ostendat ex bona conversatione operationem suam in mansuetudine sapientiae. Quod si zelum amarum habetis, et contentiones sint in cordibus vestris: nolite gloriari, et mendaces esse adversus veritatem. Non est enim ista sapientia desur-

sum descendens, sed terrena, animalis, diabolica. Ubi enim zelus et contentio, ibi inconstantia et omne opus pravum. Quae autem desursum est, sapientia, primum quidem pudica est, deinde pacifica, modesta, suadibilis, bonis consentiens, plena misericordia et fructibus bonis, non iudicans sine simulatione. Fructus autem iustitiae in pace seminatur, facientibus pacem” (Tg 3, 1-18).

Palavras graves e abrasadas: motivo perene de meditação para o eclesiástico de todos os países e de todos os tempos. E para que não acrediteis, Veneráveis Irmãos e diletos filhos, que estas admoestações apostólicas pertençam agora à arqueologia: e que a doutrina nelas contida basta ser contemplada como um testemunho das asperezas e dificuldades da vida passada, dir-vos-emos que através dos séculos sucessivos, às vêzes, na literatura dos Padres e dos doutores acontece ouvir as mesmas admoestações do antigo ensinamento. A voz de São Bernardo é bastante conhecida por nós de Roma, não só do ponto de vista da história daqueles seus tempos, mas também como admoestação oportuna para todos os eclesiásticos de tôdas as épocas. Vós não encontrareis fora de propósito que o mais recente Patriarca de Veneza, transferido como “servo dos servos do Senhor” ao govêrno da Igreja universal, fique ainda familiarizado com os volumes, densos de puríssima doutrina ascética, de seu glorioso antecessor São Lourenço Giustiniani, o primeirò com êsse título: e aproveite o ensejo para vos trazer alguns pensamentos breves e vivazes daquele grande mestre de espirito, sôbre o mesmo argumento do uso da língua, beneficente ou maléfica.

Em seu livro “*De disciplina et perfectione monasticae conversationis*” (p. 89 — 1, 47), depois de ter feito referênciã à epístola, à doutrina de São Tiago em sua *Epístola Catholica*, assim continua por sua vez:

“Nihil ita incongruum homini Deo famulanti, et ad perfectionem tendenti repeitur, sicut effrenata lingua, nullo considerationis moderamine religata, quae omnem mentis unitatem dissipat et occidit. Ideo qui Deo vacare et inhaerere elegit, hanc regat hanc refrenet, hanc sub rationis dominium subigere conietur. Est namque ianua per quam saepe diabolus ingreditur ad cor, et per quam patet omnis interioris hominis status. Ubi enim incomposta est lingua, ibi nihil potest esse occultum. Haec si moderetur reddit hominem moribus ornatum, mente tranquillum, conscientia sincerum et cunctis amabilem. Nemo sapiens extimandus est, qui verborum suorum pondus non discernit. Priusquam proferantur, diligenter examinanda sunt verba: cum enim indiscussa emittantur, sine reprehensione esse vix possunt. Prout suggerit animus imprudens loquitur. Qui vero Deo placere cupit taciturnus erit. Non est aeternae sapientiae verus amator qui procaciter loquitur”. E continua ainda ilustrando seu pensamento com belíssimas advertências para exaltação da língua quando fôr inflamada por um coração ardente de amor a Deus e aos homens. Torna depois imagem e acentos deliciosos quando trata do silêncio pensativo de Maria diante da saudação do Anjo, transmudado logo depois na explosão do *Magnificat* junto de sua santa prima Isabel, como para dar a nota inicial ao cântico dos séculos, ao redor de Jesus, que dos séculos é o Salvador e o Rei glorioso e imortal.

Irmãos e filhos diletíssimos. Quando uma alocução começa sôbre motivos de caráter religioso e ascético, a alma de quem entende bem e sabe gostar das

coisas celestiais quererá permanecer por mais tempo, como aconteceu a São Bento e a sua irmã Santa Escolástica na espelunca de Montecassino. Mas, também para hoje como para ontem, as coisas simples faladas bastam para comum edificação e alento de todos.

Seja-Nos permitido augurar-vos que elas possam encontrar em vosso gosto como um conduto que dê um seu especial sabor à manducação do grande pão das Constituições Sinodais, que ocupa de preferência as horas da manhã destes lindos dias de festiva e cara fraternidade sacerdotal.

Da admoestação do Capítulo *De Reformatione* da Sessão XXII do Concílio de Trênto, que indica os elementos principais para o estudo da santificação sacerdotal, temos escolhido três pontos ou três aspectos da pessoa e da vida de cada eclesiástico e de todos juntos: a cabeça, o coração, a língua.

Quanto Nos foi dado dizer, ouvir, refletir, levou-Nos a melhor apreciar a substância das palavras do Tridentino: *Levia etiam delicta quae in ipsis maxima essent, effungiant: ut eorum actiones cunctis afferant venerationem*. Este é o sublime ideal do sacerdote cristão: suscitar no povo, à luz de Cristo, edificação e veneração.

Assim seja de verdade para cada um e para todos vós, agora e sempre.

### III — A CARACTERÍSTICA SINGULAR DO SACERDÓCIO CATÓLICO: SACERDOS ET PASTOR

Veneráveis Irmãos, queridos filhos,

A singular característica do sacerdote católico é o exercício pastoral. Todo padre é cristão. Mas diz-se cristão para si mesmo, e sacerdote para os outros: *Cristianus sibi: sacerdos aliis*.

Não é necessário ser sacerdote para tornar-se santo. Também no estado laical há almas excelsas, que na vida ordinária, alimentada pela graça de Deus, foram seguidas, admiradas, conclamadas como santas e como tais a Santa Igreja as honra e as exalta.

Mas ao sacerdócio não se chega se não por uma vocação especial, por um mandado extraordinário do Senhor, que prepara desde muito seus eleitos e diz a cada um deles: *Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedech* (Ps. 109, 4). Em sua epístola aos Ebreus São Paulo exprime com acentos incomparáveis a excelência do novo sacerdócio de Cristo, cuja virtude e dignidade vem distribuída e transmitida a cada um destes privilegiados, aos quais se aplicam as palavras: *Ex hominibus assumptus pro hominibus constituitur in iis quae sunt ad Deum, ut offerat dona et sacrificia pro peccatis* (Habr. 5,1). Para salvar o homem, Ele, o Cristo, o Verbo de Deus, se fez homem. No tempo exato que o Pai lhe determinou começou a conversar sobre a terra, *cum hominibus conversatus est* (Bar. 3,38): para melhor poder compadecer-se das misérias humanas revestiu-se das mesmas misérias humanas — de tôdas excetuando o pecado — e tornou-se mestre de doutrina celestial, de paciência infinita em suportar as aspeções da vida, em aceitar a cruz, consumindo assim o holocausto de si mesmo ao Pai, e deixando em herança a seus mais íntimos a sua missão e a continuação de seu exemplo e de seu sacrifício *pro peccatis et ad redemptionem mundi*.

Íntimos depositários de sua herança e de sua graça de magistério e de continuação de seu sacrifício, êstes prediletos constituíram as primícias da ordem sacerdotal, e dela constituem, depois de dois mil anos, a admirável perenidade de privilégio e de honra.

É desta perenidade que nós gozamos a sublimidade e o benefício. Agradecemos a Deus com a testa curvada no pó.

Ora, Jesus bendito, em instruindo como mestre divino os contemporâneos de sua vida mortal — o olhar voltado ao futuro do mundo inteiro, representado pela sua Igreja, a Igreja de todos os séculos e de todos os povos, o que equivale dizer o seu reino, no tempo e na eternidade — servia-se de imagens simples, mas vivas e penetrantes. Eis, dizia, eu sou a videira, vós os ramos, eu sou o pão da vida, a via, a verdade, a vida; eu sou a luz do mundo, eu sou a porta do rebanho.

*Ego sum vitis, vos palmites: ego sum panis vitae — via, veritas et vita — lux mundi, ego sum ostium ovium* (Jo 15, 5; 6, 35; 14,6; 8,12; 10,7)

É a enumeração continua com o mais carinhoso dos títulos, que êle deu a si mesmo no íntimo contato com os seus, continuadores presignados de sua obra. Eis: *eu sou o bom pastor*.

Notável êste particular. As duas imagens da porta do redil: *ostium ovium*, e do *pastor bonus* ficam associadas e se perseguem nas parábolas da linguagem de Jesus. Diríamos até que é uma nota posta em relação com a outra até andar do mesmo passo: duas vezes Jesus diz: *ego sum ostium* e duas vezes: *ego sum pastor bonus* (Jo 10, 7-9; 10, 11-14).

A João seu confidente mais íntimo, não escapou esta particularidade. A porta se abre e se fecha às ovelhas — êle escreve — o pastor vigia e governa sua entrada e saída.

Diletos irmãos e filhos. Não está aqui explicado o mistério de nosso sacerdócio? Não é a luz do Pastor Divino que fica impressa no rosto de todo jovem neo-levita no ato de levantar-se do altar de sua ordenação sagrada e de iniciar seu caminho sob o olhar de Jesus, que está à porta do ovil, por onde entram e saem as ovelhas, prontas às orden d'Êle?

### *O problema do Clero de Roma e suas variações*

Filho de humilde e simples, mas honrada família, não te tornaste padre a uma ordem de Jesus que tocou teu coração, talvez até desde a infância inocente, e te chamou ao seu sacerdócio? Não é talvez para que tu fôsses inteiramente de Jesus e viesses a Êle associado na realização da dilatação de seu reino espiritual no mundo? Pois bem, o que acontece em ti? Como então, depois das primeiras provas de teu sacerdócio pensa em outra coisa que não as almas a salvar, que ao ministério característico para o qual o sacerdócio foi instituído: isto é, a pastoreação direta das almas, *regimen animarum*?

Eis-nos aqui perante um grave problema do clero Romano. A Igreja católica é como "*Castrorum; acies ordinata*" (Cant 6,3) para a difusão do reino de Deus. No sacerdócio se compreendem os vários graus da ordem sacerdotal: do jovem padre, ao coadjutor, ao pároco, ao Bispo e a Roma e, para a Igreja universal, ao Sumo Pontífice.

Assim em Roma como em tôda parte: e isto se diz para o clero diocesano

como para o clero regular.

De fato acontece isto: o caráter central de Roma como cidade de referência do mundo todo ao chefe da Cristandade e à sede do governo universal, criou e mantém exigências de organização do bom trabalho, que absorvem múltiplas energias sacerdotais, e determinam notáveis distrações do ministério pastoral propriamente dito. São distrações tentadoras que levam muitas vezes ao compromisso entre o contato e a ação sacerdotal direta e imediata com as almas, e a ação indireta de serviço da Santa Igreja, através do caminho da administração eclesiástica, ainda que muito bem regulada como é, graças ao Senhor; ou através das várias tarefas de alta importância que, levando a alma sacerdotal pelas vias do mundo, ameaçam tornar árido o fervor e a prática do zelo pastoral com prejuízo das precisas e imediatas finalidades do sacerdócio católico.

Veneráveis Irmãos e diletos filhos. Reconhecemos a dura realidade. A cidade de Roma conta com cerca de dois milhões de almas. Para a assistência pastoral dessas almas se aplicam duzentos e vinte sacerdotes diocesanos e trezentos e setenta regulares: quinhentos e noventa ao todo. Isso significa: um sacerdote cada três mil e trezentas almas.

Mas em Roma, por razões de ofício ou de estudo, há outros sacerdotes, tantos e tantos: como sacerdotes chamados todos por completo ao ministério pastoral direto das almas.

A Santa Igreja, no entanto, para o seu desenvolvimento, para o seu governo em Roma, para seus êxitos em vista de bens superiores que interessam ao mundo todo, necessita de múltiplas energias sacerdotais também além da estrita administração dos Sacramentos. Ela deve também ter muito em conta tudo aquilo que é exercício de ensino — *ore et calamo* — de caridade, sobretudo de caridade, conforme as diversas contingências da vida contemporânea, segundo o preceito do Senhor: *euntes docete omnes gentes* (Mt 28, 19): deve igualmente ficar vigilante para exercer sua luminosa e benéfica influência na boa ordem social e internacional: deve poder contar com as várias famílias religiosas regulares em colaboração com o clero diocesano, tôdas estas famílias religiosas antigas e modernas, de homens e de mulheres, de vida contemplativa e de vida ativa. Também isso e outro e mais outro que se poderia acrescentar, e multiplicar, poderia, deveria ser dirigido à chama viva de vida, de zelo pastoral, à colaboração ordenada e preciosíssima da cura das almas, para cuja salvação o mistério da Encarnação do Verbo, o Evangelho, a Cruz e a Eucaristia, o *Nobiscum Deus*, têm luz, sentido e triunfo.

Esta, de fato, é a Igreja de Cristo: esta a sua fisionomia mais autêntica e mais esplendorosa, esta a sua verdadeira glória.

Nestas breves alusões aparece logo a naturalidade de uma distinção entre ação pastoral direta e uma ação indireta, mas com caráter de verdadeira e distinta colaboração ao sagrado ministério das almas.

E aqui acontece que para todo sacerdote, especialmente se ainda no primeiro impulso da vida — mas também para os anciãos já bem maduros — pelo fato de a pobre nossa natureza comum humana e não angélica, quer dizer não muito pronta como *flamma ignis* a tôda ordem do Senhor, acontece, repetimos, que face às distinções entre ministério direto das almas e ministério indireto e de cola-

boração, se prefira o segundo ao primeiro, e que o primeiro perca em consideração, e também o segundo, mais tarde mais cedo, perca em vigor.

Será, pois, sempre mais vantajoso aos progressos da vida espiritual de cada um de nós acostumar-mo-nos à boa estima daquilo que vale mais, daquilo que vale mais perante Deus para a felicidade verdadeira de nossa vida presente e da futura *in aeternum*.

Nós todos sacerdotes do Altíssimo somos almas privilegiadas: mas até que Deus nos deixe viver aqui na terra a seu serviço e a serviço da santa Igreja e do povo cristão, estamos sempre acompanhados por aquêlê "*omnis caro foenum*" do qual nos falava também ontem São Pedro, nosso primeiro Bispo de Roma e Pastor da Igreja universal (1 Pdr 24)

Esta configuração da preciosidade das vantagens da vida pastoral direta ou indireta para os sacerdotes de Roma seja-nos de boa admoestação para bem escolhermos e apreciarmos tudo justamente. Pode ter sido êste reclamo que sugeriu aos antigos mestres de cerimônias da Basílica de São Pedro de substituir na cerimônia da solene coroação do novo Papa a *estopa* que é queimada à sua presença ao *foenum* de que escreve o Príncipe dos Apóstolos em sua epístola.

Deixando de lado especiais disposições de estreita obediência e, em todo caso, de procurada conformidade à vontade não nossa mas de Deus, em matéria de vida pastoral direta ou indireta, como são fáceis as alucinações e as confusões entre aparência e realidade.

A simplicidade confidencial dêstes colóquios convosco, Nossos diletísimos sacerdotes, colaboradores na tarefa do Bispo de Roma, Nos permite, a título de alívio inocente em nossa conversa, relembrar três fortes impressões que tivemos justamente aqui em São Pedro, que permaneceram profundas em Nossa vida

A primeira é de uma tarde de janeiro de 1905, por motivo de uma Beatificação, Basílica Vaticana em vivíssimo esplendor, personagens nobres, multidão satisfeitiíssima e aplaudindo, e no alto, no fundo da ábside, na glória do Bernini, a figura débil mas dos olhos extasiados em glória de beatitude celestial do B. João Batista Vianney, o Santo Cura d'Ars, proclamado santo alguns anos depois. Em Nosso espírito de sacerdote muito jovem, aquela visão estava a Nos indicar aquilo que verdadeiramente é precioso na vida sacerdotal, o que é mais precioso: e nunca mais a esquecemos. Mais vêzes fomos até Ars para venerar o corpo bendito daquele grande, a quem são poucos meses, no centenário de sua morte, tivemos a satisfação de poder oferecer com a Encíclica "*Sacerdotii Nostri primordia*" um elogio de sua virtude pastoral para edificação do mundo inteiro

Outra impressão, de 1903, a 9 de agosto: a cerimônia da Coroação do novo Papa São Pio X, em São Pedro. A imponência do triunfo pontifical que se encaminhava sofreu um primeiro momento de comovida desilusão para quem estava acostumado aos raros ingressos de Papa Leão XIII nonagenário, que se erguia ainda com esforço sobre a idade avançada, para saudar e abençoar a multidão entusiasmada. O Papa Sarto vinha dos campos Trevisanos, em grande depreção de espírito e pesaroso no rosto. O cortejo a um certo ponto parou um pouco. Ao triplice gesto do prelado que, queimando a estopa sob o olhar do Papa, repete por três vêzes as palavras: *sic transit gloria mundi*", todos observaram aquêlê rosto grave e solene se curvar, quase que a dizer cambaleando: "esta é a grande e aus-

tera dignidade do pontificado”. O fausto e a honra exterior perdem aqui muito de seu valor. O que verdadeiramente conta são os passos do pastor de almas dados até aquele instante, de Tómbolo a Salzano, a Treviso, a Mântova, a Veneza, até chegar a êsse ponto, para retomar mais do que nunca o alento afanoso do pastor na custódia do rebanho, na procura não saciada das almas que Cristo redimiu em seu sangue.

A última impressão foi a de 4 de novembro de dois anos atrás, quando o humilde padre, também êle vindo do campo e da sucessão do Santo Patriarca de Veneza, achou-se também pela primeira vez como transfigurado no fulgor da devoção e do entusiasmo da multidão. Naquele fervor a um dato ponto o cortejo parou para dar tempo ao rito, também para êle com a aste levantada e a estopa encandescente e crepitante à tríplice admoestação que se ajuntava ao sentimento de sua indignidade pessoal, nunca tão vivo e tão sincero como naquele instante: *Pater sancte: Sic transit gloria mundi*.

Podemos vos dizer, veneráveis Irmãos e diletos filhos, como o espírito recobrou sua calma quando o cortejo virando à esquerda para parar algum tempo junto ao túmulo do Papa Pio VII — que história também a dêle, e que ensinamento! — permitiu-Nos ver a alguns passos o altar do Santo Pontífice Gregório Magno, familiar, desde os anos juvenis, à Nossa alma e à Nossa devoção.

Foi uma surpresa inesperada e alentadora. Dirigindo-Nos aos sepulcro de São Pedro, primeiro Vigário de Cristo e primeiro Bispo de Roma, sentimos como que Nos fôsse enviado por êle, para Nos encontrar e Nos dar coragem, um dos mais ilustres de seus sucessores na cátedra apostólica, São Gregório Magno. Pontífice Romano grande entre os maiores, foi em sua vida e em seus ensinamentos completamente inspirado a dar mais valor ao *caráter sagrado e predominante do ministério pastoral* para todos os sacerdotes da Igreja de Deus, numa participação *direta ou indireta*, mas *real*, mas *sincera*, mas *fiel* de todos os sacerdotes da Urbe, como aliás para todos os sacerdotes do orbe.

É justamente ao papa Gregório I que o clero católico, desde o século VI em diante, deve o código mais precioso depois do Evangelho de Jesus e as Epístolas dos Apóstolos, do govêrno pastoral na santificação das almas sacerdotais e na direção dos fiéis.

Êste pequeno livro conhecidíssimo em tôdas as literaturas eclesiásticas “*Regula Pastoralis S. Gregorii Magni*” (590-604) (Migne, PL, 77, 13-128) faz-Nos boa companhia há quase meio século, e nos proporciona alegrias inefáveis ao relê-lo em tôdas as circunstâncias da vida. Êle ensina aos Bispos e aos sacerdotes — a todos os Bispos e a todos os sacerdotes — *qualiter vivant et qualiter doceant*. Pode servir como espêlho na conformidade da própria vida ao modelo proposto pelo santo Papa. No imenso trabalho de reorganização da Igreja sob os Carolíngios, durante e depois do assêsto das novas estruturas humanas, era necessário não só estabelecer uma legislação canônica, organizar os livros litúrgicos, preparar um bom texto das Sagradas Escrituras — o que Alcuino conseguiu realizar — mas sobretudo ensinar novos métodos de apostolado pastoral e, mais ainda, uma verdadeira doutrina de bom govêrno espiritual e de educação do espírito. Isso já realizara em benefício do ocidente São Gregório Magno, ensinando ao clero dos Francos as vias mais seguras para restaurar a Igreja. A voz discreta

do grande Papa continua ainda por muito tempo a se fazer ouvir e a dispensar largamente as lições de seu ensinamento e as virtudes de seu exemplo. É bom lembrar que o Santo Papa Pio X, no centenário da morte de São Gregório Magno (1904) no começo de seu Pontificado, na sua estupenda Encíclica "Incardo sana" recomendava com grande elogio a leitura da *Regula Pastoralis* porque "*ad Cleri salubrem institutionem et ad sacrorum Antistitum originem (ibi) normae traduntur, non iis modo temporibus, sed etiam nostri aptissimae*" (Acta Pii X, vol. I, 1905, p. 206).

Na literatura patristica Oriental está a II "Oratio" de S. Gregório de Nazionzo (Migne PG. 35, 407-514) e o tratado. "De Sacerdotio" de São João Crisóstomo (Migne, PG, 48, 623-692), dignos de serem comparados com a *Regula Pastoralis*. Prestamos homenagem a São João Crisóstomo propriamente hoje, dia de sua festa.

Estes são os dois grande doutores da Igreja Oriental, cujos restos mortais são venerados aqui na Basílica de São Pedro em dois altares, como que para fazer nobre companhia ao grande Papa Romano que os seguiu a vários anos de distância. Certamente o nosso Gregório conheceu a *Oratio do Nazianzeno*, da qual deve ter tomado a célebre fórmula: *Ars artium regimen animarum*".

É-Nos grato o ensejo para relembrao ao Nosso diletíssimo Clero estas fontes da antiga literatura cristã, tão ricas de horizontes e diretivas de ministério pastoral.

E dirigindo para o final êste nosso terceiro colóquio, sentimo-Nos inspirados a dirigir com amorosa instância Nosso pedido a todos os sacerdotes de Roma, a todos e cada um sem excessão.

A distinção das atribuições pessoais acerca da linha principal da atividade própria de cada um em Roma é evidente. A Cúria de um lado e a diocese do outro. O sacerdócio comum a todos une e a todos inspira. É muito natural que não devem ser descurados, nem enfraquecidos, os deveres da própria função na Cúria para entregar-se a efusões de caráter pastoral excedentes a justa medida. Os adidos aos grandes cargos eclesiásticos saibam que, atendendo diligentemente aos deveres próprios característicos, ainda que não diretamente empenhados na cura imediata das almas, todavia realizam uma verdadeira obra de apostolado, a qual, se alguma vez pode ser menos agradável nem por isso é menos útil à Igreja ou menos meritória. E doutro lado, quem atende ao ministério pastoral com a direção ou com a colaboração laboriosa, exemplar e sempre e sempre amável e paciente, permaneça também em seu campo de ação, não se ocupe de tarefas seculares, evite toda singularidade que perturbe a edificação que todo sacerdote está em obrigação de dar aos fiéis.

O decreto do Tridentino (Ses. XXII de Reforma. c.l.) a respeito da conduta do clero está sempre ali com sua insistência inexorável: mas tão significativa, preciosa e cara. O "*cunctis afferre venerationem*" fica ainda e sempre a glória dos tempos melhores, e, temos toda certeza, a gloria presente e futura do Clero Romano.

Entre as graças que o Senhor se dignou conceder a Nossa humilde vida, desde o primeiro aparecer na infância até a hora da tarde já adiantada, esta da atração viva e insistente do espírito para com a visão de Jesus Bom Pastor é cer-

tamente a primeira e mais preciosa graça.

Ela quase Nos dá certeza que também nossa volta ao Pai realizar-se-á neste "lucis... terminum", ou não sem êste.

Para todo sacerdote a ternura de que o capítulo X de São João está permeado exerce tal fascinação que resistir ou dêle afastar-se pode prejudicar a própria salvação e felicidade eterna.

*Amen, amen, dico vobis, qui intrat per ostium pastor est ovium.* Eis a porta que se abre, eis o pastor que conhece tôdas as suas ovelhas e as chama pelo nome. Diletos párcos: atenção vos pedimos para a estatística bem cuidada e bem seguida: empenho importantíssimo para o govêrno de uma paróquia. As ovelhas correm atraz do pastor que vai à frente delas: a companhia do pastor lhes dá segurança contra todos os perigos. *Ego sum ostium. Per me si quis introierit salvabitur: et ingredietur et egredietur et pascua inveniet. Ego veni ut vitam habeant at abundantius habeant.*

Dispensamos as expressões duras que se entrelaçam às doces: as palavras sôbre o pastor mercenário, por exemplo, que entrou na paróquia, mas que, ao se aproximar o lôbo rapace e ameaçador, dorme ou foge, antes que gritar para o invasor, ou empenhar-se em combatê-lo e pedir auxilio. O mercenário não tem coração e não tem interêsse para suas ovelhas. Sim, Veneráveis irmãos e queridos filhos, a nos acordar, a nos dar consôlo, eis que Jesus repete sua afirmação: uma, duas, três vêzes: *Ego sum pastor bonus.* Essa repetição é para nós um convite e uma admoestação para tomarmos seu exemplo, multiplicarmos nossos sacrifícios, como Êle dá a vida — como a deu de verdade sôbre a cruz, e continua a dá-la místicamente em seu sacramento de amor — êle Jesus: verdadeiramente *pastor bonus, pastor vigilans, pastor pius.*

Singular, ao terminar a parábola do Bom Pastor, a continuação das afirmações e por fim a lembrança do Pai, e na luz do Pai o ampliar-se do horizonte.

*"O Pai me conhece e me segue como eu o conheço e vivo nêle. O Pai me ama: porque eu dou a vida por minhas velhas".*

Jesus dá por fim um último toque: *não estão tôdas aqui as minhas ovelhas.* Oh! há outras que não pertencem ao meu rebanho: mas também a elas eu quero e devo conduzir a mim: e, asseguro, ouvirão minha voz e far-se-á um só rebanho e um só pastor: *Audient vocem et fiet unum ovile et unus pastor*" (Jo 10 1-18).

Que alegria para Nós a afirmação tão clara e tão decidida que isso há de acontecer! *"Audient vocem et fiet unum ovile et unus pastor"*.

Esta página é uma nova irradiação de luz celestial que se abre sôbre o mundo missionário e quase a perspectiva que anuncia os primeiros alcores do próximo Concílio Ecumênico, que já está suscitando ansiedades e palpitações de misteriosa esperança em todo o mundo.

Sobretudo e certamente pode muito bem ser aplicada ao nosso sacerdócio, a quantos vivem aqui nas margens do Tibre, honrados de pertencerem ao Clero Romano ou de colaborar com êle: a quantos entre nós se ocupam das almas em sentido pastoral, immediato e direto e em especial familiaridade com o Sumo Pontífice, Bispo de Roma. Pode muito bem ser aplicada a quantos especialmente aplicados — desde os graus mais altos da Prelatura aos mais modestos e não menos laboriosos serviços da vasta administração da Igreja Universal nas diversas Sa-

gradas Congregações ou nos múltiplos Institutos Religiosos — são partícipes da *sollicitudo omnium Ecclesiarum*, que tem por seu Chefe Augusto e centro o Santo Padre como *Christi Vicarius*. Toda esta *turba magna* que resulta *ex omnibus gentibus et tribunus et populis et linguis*, aparece como imersa e acesa da mesma luz de Jesus, o Pastor Divino, o Salvador do mundo.

Eminentíssimos e caríssimos Senhores Cardeais: a vós Nossa comovida e fraternal saudação. Com vossa nobre presença, e com o trato de vossa doce majestade, vós edificastes todo o clero e o bom povo de Roma. Apraz-Nos saudar convoscò os Senhores Colegas a quem as intempéries da estação detiveram em devido resguardo pela própria saúde. Também seu sentimento de não estarem presentes aqui foi merecimento e contribuição de bênçãos para nós.

Este nosso convênio eclesiástico, que será saudado como o primeiro Sínodo da diocese de Roma, por vários títulos, com a graça de Deus, está para ter o êxito mais solene com relação a uma diocese, à primeira diocese, porque diocese de São Pedro, e, talvez, o mais completo da história da Igreja Católica no mundo. *Deo gratias et Deo gloriam*.

Veneráveis Irmãos e diletos filhos. Não sabemos dizer-vos de quão grande gáudio espiritual foram motivo para Nós êstes encontros, êstes simples colóquios entre nós. Deixam-Nos vivo desejo de podê-los renovar como manifestação do interêsse com que o coração do Pai ama ficar em contato com quantos na diocese de Roma são os compartícipes, cada um pela própria parte, do ministério pastoral das almas.

Façamos coragem. *Benedictus Dominus per singulos dies. Portat onera nostra Deus; salus nostra* (Ps 67, 11). A figura de Jesus, o bom Pastor Divino, esteja sempre perante nossos olhos na leitura do Evangelho, assim como a presença sacramental e viva de seu Corpo e de seu Sangue: *vere cibus, vere potus*, nos mantém na graça, que nos salva do êrro e do mal, e também entre as ansiedades e as mortificações da vida permanece a fonte dêste gáudio interior, que justamente se pode chamar gôzo inicial da glória futura: *Bone Pastor, panis vere — Jesu nostri miserere — Tu nos pasce, nos tuere — Tu nos bona fac videre — In terra viventium* (Sequent. S. Thomae Aq. in Festo Corp. Christi).

#### IV — AOS ALUNOS DOS SEMINÁRIOS E COLÉGIOS ECLESIÁSTICOS DE ROMA

Queridos filhos!

Um vivo desejo de Nosso coração Nos sugeriu o projeto dêste encontro, para vos confiar alguns pensamentos suscitados em Nós pelos acontecimentos tão importantes e solenes dos dias do sínodo.

Vossa presença inumerável e serena, vária pela proveniência, muito jubilosa pelo encantamento da juventude, é a mais bela e pronta resposta da Providência do Senhor às atuais solitudes e ansiedades da Santa Igreja em relação ao clero de amanhã, à sua qualidade, ao seu número, e ao espírito empreendedor de seus membros. E o Sínodo Romano enfeita-se assim pelo vosso promissor florecimento, e reflete suas belezas sôbre tôdas as dioceses do mundo,

das quais vós provindes.

A celebração do máximo acontecimento da vida religiosa de Roma, e as recordações gloriosas que esta igreja de Santo Inácio guarda ciosamente como testemunho do alto serviço prestado pelo anexo Colégio Romano à ciência sagrada e ao apostolado — contribuem para tornar feliz e significativo o encontro. Digno especialmente de respeito é o mausoleu do Papa Gregório XV — Alexandre Ludovisi — para o qual um pontificado de poucos meses (1621-1623) bastou para conseguir merecimento insigne a favor da glorificação de Santo Inácio e de São Francisco Xavier, e da cooperação Missionária em todo o mundo. Dir-vos-emos, como num susurro, que nos anos da vida seminarística romana muitas vezes viemos a êste templo, ao altar de São Luiz e de São João Berchmans, pedir sua intercessão, como o podeis imaginar, para que nos fôsse conservada para sempre, sem atenuações de delicadeza e esplendor, a graça da castidade.

Eram os anos nos quais Nossa alma jovem se alegrava na procura e na bênção das figuras hieráticas do grande Leão XIII, e mais tarde, de São Pio X sobremaneira amável e paternal.

É natural que também para êste colóquio convosco, que sois os filhos mais jovens, Nós vamos tomar inspiração na Sagrada Escritura, como já o fizemos nos três dias passados, dirigindo-Nos ao solene consesso de Sacerdotes de Nossa diocese. Vem a tal fim Nos ajudar o *Livro dos Juizes*, que como bem sabeis, narra as gestas dos homens que receberam a herança de Moisés, e dirigiram o difícil caminho do Povo eleito em sua vida e em sua história.

Gedeão, que tem às suas ordens uma multidão imensa, aparentemente pronta para enfrentar qualquer perigo e dificuldade, ouve dizer do Senhor que nos grandes empreendimentos é necessário contar não sôbre muitos, mas sôbre poucos. A seleção é lei de vida, de progresso, de perfeição.

Queridos filhos! Queremos imaginar que vós, depois dos anos de preparação em vossa pátria, sejais as sentinelas escolhidas e segregadas, conforme o chamado divino, para as futuras conquistas do Reino de Deus. Desta realidade pròpriamente encontramos uma figuração magnífica no capítulo VII do Livro dos Juizes. Ouvi: *Dixitque Dominus ad Gedeon: Multus tecum est populus, ne tradetur Madian in manus eius, ne gloriatur contra me Israel et dicat: Mei viribus liberatus sum. Loquere ad populum, et cunctis audientibus praedica. Quis formidulosus et timidus est revertatur*" (7, 2-3). O mesmo que dizer: Quem não tiver coragem e é tímido volte para traz.

Depois dessas palavras, aquela multidão de vinte mil ficou reduzida a dez mil; e aqueles dez mil baixaram ainda até trezentos sòmente, conforme a indicação explícita de Deus: *Duc eos ad aquas, et ibi probabo illos*". É eis a prova que salienta a fortaleza, a seriedade, o espírito de sacrificio de cada um: *qui lingua lambuerit aquas... separabis eos seorsum; qui autem curvatis genibus biberint, in altera parte erunt...*" (7, 4-5).

A aplicação é clara. Quem parar: quem se acomodar às comodidades, quem quiser satisfazer tòda a sede de conhecimentos e experiências humanas não é, não pode ser um soldado do Reino de Deus.

Queridos filhos! No espírito desta separação está encêrrado o segrêdo da fecundidade e êxito de vossa futura ação. Deixai portanto que a vós, novas sen-

tinelas dos tempos modernos, encaminhadas para outros empreendimentos que em nada repetem os gestos da conquista e do domínio terreno, mas, pelo contrario, das novas condições de uma convivência mais ordenada dos povos se dirigem e se elevam ao desejo e à ação ousada de unificar em Cristo tôda a humanidade, confiamos três pensamentos que muito Nos interessam. Não os atingimos a uma revelação celestial, como no caso de Gedeão, mas sim às íntimas efusões de nossa dilatada oração: Ei-los: 1) *Digne ambulate*; 2) *Accipite librum et devorâte illum*; 3) *Psallite sapienter et frequenter*.

### 1) — *Digne ambulate*

Antes de mais nada vos dizemos: *digne ambulate*. Nesta palayras está indicada a necessária clareza de vida, de idéias, de propósitos, de caráter sacerdotal.

Congregados em Roma de tôdas as partes do mundo, aqui vos tornais irmãos em vossas relações quotidianas. Não há diversidades substanciais entre vós, que tendes um patrimônio comum, e uma aspiração comum do serviço de Deus e das almas. Vindos ao centro do mundo católico, cada um de vós trouxe consigo de sua região de origem, a riqueza de antigos ensinamentos, de tradições santas, nobres e gloriosas. E aqui aprendestes a conhecer-vos, e por isso a melhor estimar-vos: e a participar e fundir os dons da natureza e de graça, dos quais sois depositários.

Como bem sabe vossa alma, ardente de juventude e anelante às messes que esperam, não estais em Roma para vos preparar para um lugar privilegiado; mas para vos tornar os mais prontos, os mais espertos, os mais humildes, os mais generosos colaboradores de vossos Bispos, e também de vossos futuros confrades, que tanta confiança depositam em vós. É êste, portanto, o período mais fecundo de vossa formação.

Eis porque com coração trepidante vos dizemos: *Digne ambulate!* É o mesmo que sublinhar o convite do Senhor ao fiel Abraão: "*Ambula coram me et esto perfectus*" (Gn 17, 1).

Antes de mais nada, isso significa caminhar dignamente: isto é, caminhar para o enriquecimento da mente, que se deve abrir a tôdas as coisas belas e santas, na luz de Deus; para a perfeita purificação do coração, livre do domínio das criaturas, e portanto apto a compreender a quem se regozija e a quem sofre; caminhar para as conquistas da experiência, que deve se robustecer e madurecer, em vista das futuras responsabilidades: caminhar para a consecução duma vida sempre amável e grangeadora. Numa palavra, caminhar na direção de "tudo o que é verdadeiro e honesto, e justo, e santo; de tudo quanto torna amável, ou dá um bom nome" (cfr. *Phil 4, 8*). Caminhar desta Roma dos Apóstolos e dos Mártires, dos Monjes e dos Missionários, para as novas conquistas. Porque quando se pára, para sistematizar-se comodamente e para ouvir a voz da carne e do sangue, então se corre o perigo de se tornar águas estagnadas. Caminhar, portanto; mas caminhar *dignamente*.

Tudo, pois, deve ser esplendoroso em vossa formação: tudo deve estar aberto e claro perante vós: não só a alegria antecipada dos castos gozos da Missa, santamente celebrada; mas também o conhecimento das dificuldades que en-

contrareis, das incertezas e dúvidas, que parecerá quererem obnubilar-vos e paralisar-vos.

*Digne ambulate!* Atenção ao coração, à sensibilidade, às relações e reações. O eclesiástico não é um impulsivo, um sentimental, um homem parcial, fechado, tímido, triste. O eclesiástico não se satisfaz na mediocridade. Já desde os anos preciosos de sua formação quer conhecer a si mesmo, para superar as falhas eventuais, e formar-se naquele ideal de perfeição que o Senhor exige: *et esto perfectus*.

## 2) — *Accipite librum et devorate illum*.

O segundo pensamento vos convida às sólidas delícias da Sagrada Escritura: "*Accipite librum, et devorate illum*".

A figura profética do Apocalipse esteja sempre perante vossos olhos: é o Anjo do mar e da terra que, a convite da voz do céu, estende a vós, como a João Apóstolo, o Livro sagrado. Quão eficaz símbolo da Igreja, que se estende sobre todos os continentes, e que vos oferecerá seu tesouro precioso!

No Livro está marcada para cada um a *voluntas Dei*: está nele indicado o rumo da vida e o segredo do êxito de todo bom apostolado, que nunca é frenético de resultados humanos, os quais podem até faltar. Vede, pois, como age a Igreja: com seus Concílios, com os Sinodos, com as prescrições canônicas ela semeia num século, e colhe nos séculos seguintes.

Atingi, portanto, no Livro sagrado as indicações que se inspiram à piedade mais segura e firme, e à vida sacerdotal mais resplandecente. Dos escritos do Protopatriarca de Veneza, São Lourenço Giustiniani, tivemos o prazer de colher, a seu tempo, maravilhosas consonâncias de relevos sobre os benefícios do Livro sagrado: e queremos agora trazer suas palavras, tiradas da obra "*De casto connubio Verbi Dei*", tão profundas e brilhantes que são: "A Sagrada Escritura é verdadeiramente o espelho que reflete a sabedoria do Verbo: é a arca santa da divindade — *divinitatis armarium*. Ninguém que se aproxima dela com pureza, com prudência, com humildade, afastar-se-á vazio. Ela contém a ciência de viver bem: sob a aparência das palavras, quão grande seqüência de verdades altíssimas, de sacramentos misteriosos! As maravilhas da onipotência divina creadora do mundo estão lá; lá está a cooperação do ministério angélico, e também daquele instrumental do homem. Sobretudo aquelas páginas santas glorificam a bondade do Criador, o qual quis instruir a ignorância humana, formar na fé, fundamentar a esperança, desabituar o espírito das coisas visíveis, alimentando-o com as coisas invisíveis e eternas (D. Laur. Iustiniani... *Opera omnia*, Veneza, 1721, p. 157; cfr. A. G. Card. Roncalli, *La Sacra Scrittura e San Lorenzo Giustiniani*, in *Rivista Biblica*, 1958, pp. 291-2).

Eis o alimento substancioso que somente o Livro Divino vos pode dar: eis o porque do convite: *Accipite librum, et devorate illum!* No ponto de saída para as manifestações mais sólidas da piedade e da ação de ministério, ele vos pode abrir os horizontes de uma vida interior profunda e generosa; e indicar-vos as devoções que caracterizam o bom eclesiástico de todos os tempos e de todos os lugares: a Eucaristia, o Sagrado Coração, o Preciosíssimo Sangue; depois, a Virgem Santa; e finalmente os Santos do Antigo e do Novo Testamento. É toda

uma composição ordenada e admirável, que deve estar antes de mais nada em vossa mente, para que possais educar o povo santo de Deus às elevações da piedade e da prática cristã da vida.

### 3 — *Psallite sapienter et frequenter.*

Um último pensamento, queridos filhos: *Psallite sapienter et frequenter.* O convite de Jesus é, a êste propósito, claro e programático: *Oportet semper orare, et não deficere* (Lc 18, 1). Vossa oração, pois, seja contínua, meditada e sábia. Seja vosso alimento, seja para vós o ar que respirais e que vos mantém em vida, preservando-vos dos miasmas de uma mentalidade mundana, que poderia pôr em sério perigo vossa vocação. Realizai, portanto, o alegre convite do Apóstolo: "*Verbum Christi habitet in vobis abundanter in omni sapientia docentes et commonentes vosmetipsos psalmis, hymnis et canticis spiritualibus, in gratia cantantes in cordibus vestris Deo*" (Col 3, 16).

Fonte preciosíssima de oração é o Saltério, que um dia deverá vos ser familiar, e tornar-se pensamento de vossos pensamentos, substância viva de vossa vida consagrada. Desejamos que desde já êle vos seja familiar: portanto estudai-o e conhecei-o em seu conjunto e em suas partes. Meditai cada um dos Salmos para descobrir suas belezas recôndidas e formar um seguro *sensus Dei*, e um *sensus Ecclesiae*; descançai neles: levantai-vos dos Salmos à contemplação das coisas celestiais, e delas volvei-vos à apreciação ponderada e exata das coisas da terra, da cultura e da história, e dos acontecimentos quotidianos.

Diz-se que nos lábios do sacerdote deve estar uma oração contínua. Mas isso, como tudo o que é do espírito, não pode ser improvisado, nem se reservado ao tempo que seguirá à ordenação sacerdotal, porque, então, se já não estiver formado êsse espírito de oração, não faltarão ocasiões, e talvez infelizmente também pressupostas justificativas — em nome da atividade e do trabalho — para um enfraquecimento do mesmo. É esta a hora em que deveis vos tornar homens de oração: e, então, quanta luz, suavidade, calma, equilíbrio, e também quanto encantamento sobre as almas, que virão a vós pela familiaridade com o Saltério, alimento sólido de vossa piedade!

Queridos filhos!

Confiamo-vos três pensamentos: e temos esperança e convicção firmes de que êles serão germinação de fervor novo para vós e para vossos irmãos seminaristas do mundo todo.

O Papa vos ama com afeto especial, e mais vêzes por dia, mas especialmente pela manhã, na Santa Missa, e à noite, no têrço, reza insistentemente para vós.

O Papa gosta de vós. Quando, nas audiências, nos encontros litúrgicos, Nossos olhos se voltam para os jovens seminaristas, sentimos que também os corações exultam e estão em perfeita consonância.

Um dos sinais de confiança e de segurança para o futuro sois vós. De fato a Igreja vos ama e a vós confia as ansiedades e as solitudes de seu porvir, que não conhece cansaço nem velhice. Sois vós a perfumada primavera do amanhã, que Nossos olhos, como o coração certamente o percebe, gostam de con-

templar rico de afirmações santas para a Igreja de Deus, enquanto as mãos se levantam animando e abençoando.

Prossigui, pois, dignamente em vosso caminho; atingi na Sagrada Escritura, Antigo e Novo Testamento, a força da piedade, a presteza da obediência à voz da Igreja, o esplendor da castidade, a generosidade do apostolado. Possais ser o consolo de vossos Bispos, a glória mais pura da terra em que nascesteis. Humildemente côncios de vossa fragilidade, confiai sempre na força de Jesus Cristo, que vos chamou para serdes os continuadores de sua obra de Redenção.

O eclesiástico anda sobre a terra, mas seus pensamentos, seu coração, seus olhos olham para o céu. *Et videbunt faciem eius, et nomen eius in frontibus eorum. Et non ultra non erit, et non egebant lumine lucernae, neque lumine solis quoniam Dominus Deus illuminabit illos, et regnabunt in caecula saeculorum* (Ap 22,4-5).

Para este espetáculo volvem-se os olhares comovidos, enquanto as vozes, concordes e bem moduladas dirigem e prolongam a exaltação dos três cânticos: o *Benedictus*, o *Magnificat*, o *Nunc Dimittis*, que nas primeiras páginas do Evangelho estão a indicar a realização das antigas profecias e o começo de tempos novos, do Evangelho eterno, do Evangelho de liberdade, de unidade da família humana e de paz.

É este Evangelho que a Igreja corajosa e sempre moderna confia em vossas mãos. Queridos filhos, guardai-o assim como o recebeis: *in corde et in labiis vestris ut digne illud annuntietis!*

Com esta visão celestial Nós vos deixamos; e no ato de invocar sobre vós e sobre vossos estudos a riqueza contínua do dons de Deus, eis para vós uma ampla a paternal Bênção Apostólica, que entendemos estender a vossos Superiores, a vossos pais, que compreenderam o dom inefável da vocação sacerdotal, e a quantos desde já são o objeto de vossos pensamentos e das primícias de vosso apostolado de oração e de sacrifício.

## V — AS RELIGIOSAS DOS INSTITUTOS DE ROMA

Era muito natural que, depois das reuniões sinodais, reservadas pelo Direito Canônico exclusivamente ao Clero da Diocese, e depois do encontro, pujante de juventude, com as fileiras promissoras dos futuros levitas, desejássemos Nos deter em paternal colóquio também convosco, diletas filhas em Cristo Jesus. Da alma cidade de Roma, florescente em todos os tempos de almas santas e virginais consagradas a Deus, vós sois o jardim perfumado, a pérola preciosa e escondida, a providencial reserva de energias sobrenaturais; ao ministério sacerdotal vós ofereceis um auxílio generoso e esquecido de si mesmo, antes de tudo por meio da oração, e depois com as várias formas de vossa fisionomia exterior, aprovada pela Igreja.

Por isto queremos confiar-vos com tôda simplicidade Nossas exortações para que possais sempre dignamente trilhar a vocação à qual fostes chamadas (cfr. Ef 4, 1). Nossa palavra quer ser a expressão da delicada

solicitude com que a Igreja vos acompanha, com olhar ao mesmo tempo trepidante e feliz, como faz uma mãe com seus filhos mais queridos.

A Igreja Santa do Senhor fica de fato sublimada e adornada com a nóbre corôa das virgens, consagradas à vida de oração e de sacrifício, e ao exercício das quatorze obras de misericórdia.

Vós bem o sabeis: hoje, como no passado, a voz de tantas almas escolhidas que pedem constituir-se num sodalício santo e aprovado: que esperam o alento e as indicações de novas tarefas, conforme as exigências dos tempos, encontra acolhida sempre benévola; e depois de maduro exame e longa prova de experiência, como convém a obras tão importantes e cheias de responsabilidade, a Igreja assume, como suas, muitas instituições magníficas, cujo colorido diferente vem lembrar a variedade e a formosura das flôres.

Este admirável florescimento de virgens que oferecem como auxílio à Hierarquia os dotes característicos dos quais Deus dotou a mulher de modo eminente, é na verdade digno de consideração, de respeito e de honra, perante o mundo todo. Nós não paramos de repeti-lo.

Nesta luz queremos apresentar esta reunião, que muito oportunamente se insere nas manifestações do Sínodo Romano. E daqui queremos, ante de tudo, enviar uma saudação particularmente paternal às Nossas queridas filhas que a vida claustral detém em cada uma das casas de Roma e do mundo. Às Irmãs de clausura pertence de fato a primazia no serviço de Deus: que é oração ininterrupta, separação absoluta de tudo e de todos, amor ao sacrifício, expiação para os pecados do mundo.

Para elas, que consideramos presentes convosco, nas certezas consoladoras da Comunhão dos Santos, vai primeiro Nosso pensamento que abençoa e deseja todo bem. Mas, tendo que falar a vós, religiosas que representais a fileira compacta das Instituições Femininas em contacto directo com as almas, desejamos procurar uma palavra no livro da **Imitação de Cristo**, que de certo é a vós familiar, e aplicá-la a vossa vida e ao exercício do apostolado ao qual sois consagradas. No fim do capítulo 48 do Livro III, que convida ao amor das coisas do céu e a nelas fixar de modo estável o coração, encontramos estas palavras: "**Beatus ille homo, qui propter te, Domine, omnibus creaturis licentiam a beundi tribuit...**". Ouvi, ouvi a voz suave da doutrina celestial: "Mas, ó Senhor, bemaventurada é aquela alma que por teu amor despediu-se de tôdas as criaturas; combate a natureza e no fervor do espírito crucifica as concupiscências da carne, para, com serena consciência, poder oferecer a ti uma oração pura, e ser digna de ficar com os côros dos anjos, excluindo interior e exteriormente as coisas terrenas" (III,48,34).

Dêste esplêndido trecho gostamos de deduzir quatro pontos, que querem ser como quatro enfeites invisíveis de vosso hábito religioso. E são: desapego das criaturas; firmeza de caráter; oração ininterrupta; e vida celestial.

## I — Desapego das criaturas

A Imitação de Cristo fala, antes de tudo, de um completo desapego das criaturas, usando uma frase forte e incisiva: "*beatus ille homo, qui... omnibus creaturis licentiam abeundi tribuit*": Bemaventurado aquêlê que — para usar uma frase moderna — faz a despedida de tôdas as criaturas, oferecendo-lhes uma separação definitiva. Esta é a primeira característica da vocação religiosa: um adeus pronto e alegre às coisas do mundo, para consagrar-se a Deus na perfeita virgindade do coração.

A procedência de cada uma de vós é diversa: das cidades e dos campos, de nossas queridas, fecundas e honradas aldeias, em grande número, e, às vêzes surpreendente; de tôdas as condições sociais; quase sempre em idade juvenil, mas também em outras idades; e, para algumas, depois de ter prestado outros serviços de apostolado nos campos do catolicismo militante.

Nêstas matizes diferentes há, porém, uma nota inconfundível, que de tôdas as variedades constitui a unidade das almas consagradas: é precisamente a virgindade. Gostaríamos, nesta circunstância, de fazer sentir a vós mas especialmente perante o mundo, o altíssimo apreço e a glória da virgindade.

Ela é a virtude que dilata vosso coração ao amor mais verdadeiro, mais largo e universal, que possa haver sôbre a terra: o serviço de Cristo nas almas. O que procurastes não é um amor terreno, nem uma casa propriamente, nem o exercício de tarefas estritamente individuais: coisas tôdas que, ainda que lícitas e justas, não podiam satisfazer as aspirações de vosso coração: mas escolhestes o Espôso celestial, e o campo imenso da Santa Igreja.

Desta consagração total se origina a vocação particular de cada família religiosa, que se espessa no serviço de Deus e dos irmãos, conforme o desfraldar daquele imenso pavilhão que enfeita a casa do Senhor, e sôbre o qual estão representadas — gostamos tanto repeti-lo sempre — as quatorze obras de misericórdia.

Virgindade santa, cônica, generosa: que se dirige aos doentes, aos velhos, aos pobres, aos órfãos, às viúvas, às adolescentes, às crianças: que passa como Anjo luminoso e benéfico pelos corredores dos Hospitais e dos Asilos; que se dobra, cheia de bondade e de paciência, sôbre os alunos das escolas, e sôbre a solidão dos que sofrem, para enxugar lágrimas desconhecidas ao mundo, para suscitar sorrisos e olhares reconhecidos. Virgindade santa que encontra o caminho certo e irresistível dos corações, para iluminar os simples, aconselhar os que duvidam, ensinar aos ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, advertir os que erram, suscitar entusiasmo de cooperação apostólica e missionária.

Em prestando homenagem à flor de admirável beleza, que a caridade de Cristo fez nascer no jardim, da Igreja, deixai-Nos dizer que a virgindade não pode se manter em seu encantamento e em seu vigor primaveril, lá onde falta a sólida formação moral, ascética, e também psicológica.

Eis agora o segundo pensamento:

## 2 — A firmeza de caráter

O trecho citado da Imitação é também aqui expressivo e poderoso: *naturae vim facere*, fazer violência à natureza.

Trata-se, portanto, de uma firmeza antes de mais nada interior, posta a serviço do conhecimento da própria natureza, para voltar suas riquezas e dotes ao serviço total de Deus e das almas; e ao mesmo tempo para conhecer as deficiências e preenchê-las com o longo e paciente exercício da virtude, sustentado de confiança e de abandono em Deus.

Esta firmeza mantém a humildade, porque cônica de seus limites e insuficiências; gera a mansidão, leva à obediência, escola segura das almas fortes. De fato ela significa baixar-se para melhor servir; dominar a si mesmo, para atrair as almas a Deus com a mansidão; vencer a si mesmo, para que habite em nós a virtude de Cristo (cfr. 2 Cor 12, 9).

A firmeza assegura ainda o perfeito equilíbrio da inteligência, da vontade e da sensibilidade, e forma aquêle ideal da **mulher forte**, que a Sagrada Escritura com mostras de pasmo e admiração propõe como um raro tesouro (Prov 31, 10 ss.).

A êste propósito deixai-Nos expressar uma confidência, nascida na já longa experiência de Nossa vida. Pode às vêzes acontecer que a falta de controle de si mesmo, em certos desabafos que revelam como que uma tristeza interior, descontentamento, pessimismo, produzam em quem ouve um sentimento de malestar, talvez um exemplo menos edificante e oportuno. Certas palavras amargas, expressões de desânimo, e também queixas, não ficam bem nos lábios de quem consagrou a si mesma não a uma instituição humana, altíssima se quiserdes, como é a família e a sociedade, mas a Deus.

Quando se compreendeu bem o valor e a extensão da virgindade, do atuante e generoso serviço das almas, da abnegação que não procura o louvor de palavras humanas, mas somente o olhar interior de Deus; então, sim, estas tristezas não encontram raízes no coração consagrado a Deus, ou, se a tentação procura apresentá-las, dissipam-se logo, como nuvens ligeiras deante do sol da manhã.

A alma grande e forte nunca se torna vítima da tristeza, nem nas horas da mais grave tribulação. É um sinal da perfeita virgindade, e da força a tôda prova, está também no júbilo do espírito, das palavras, do trabalho; no desapego completo de qualquer presumido direito do próprio eu, para servir a Deus e as almas, **quasi apud argumentosa**, como canta a Igreja em honra da Santa Cecília.

## 3 — Oração ininterrupta.

Todavia êstes dotes não são tais que se possam improvisar em poucas semanas. É preciso pedí-los ao Senhor com grande insistência e confiança.

Eis porque queremos acrescentar aos conselhos precedentes também o de uma oração ininterrupta.

Ouvi como é delicada a expressão do Kempis: **Serenata conscientia pura offerre orationem**: oferecer com consciência serena uma oração pura. A oração nasce, pois, de uma consciência serena: isto é, que não se exalta no êxito, nem desanima na tribulação do corpo ou do espírito; que divide o tempo conforme as indicações exatas da obediência; e se expressa na sinceridade e no amor para com todos, na caridade mais pura, que se inspira no cântico de São Paulo, na primeira Epístola aos Coríntios: é ela paciênte, benéfica, não invejosa, não arrogante; que não se enfatua, não é ambiciosa, não procura o interêsse próprio, não se irrita, não pensa mal, não goza na injustiça, mas alegra-se no gôzo da verdade: que tudo cobre delicadamente, em tudo crê, tudo espera, tudo suporta (cfr. 1 Cor 13, 4-7).

Desta consciência serena e em paz brota a oração pura: que é ouvir a Deus, falar com Deus, ficar em silêncio n'Ele. Oração de adoração e de agradecimento, antes que de petição. O Senhor conhece tudo o que nos é necessário! Como são lindas as palavras do Cura de Ars, São João M. Vianney, sôbre a oração da alma virginal! "Deus contempla com amor — diz êle — uma alma pura, e lhe concede tudo o que ela pedir. Como poderia resistir a uma alma que vive somente para Êle e n'Ele! Ela o procura e Deus se mostra; ela o chama, e Deus responde; ela faz uma só coisa com Êle... Ela é junto de Deus como uma criança perto da mãe" (A Monnin, Spirito del Curato d'Ars, Roma, (1956), pp. 57-58).

Queremos, pois, vos convidar, com insistência paternal, a meditar sôbre êste ponto da oração, porque não podereis ensinar a rezar — e muitas vêzes esta é a vossa tarefa, em auxílio dos pais e dos sacerdotes — se vós primeiramente não o tiverdes aprendido.

Também sôbre êste ponto queirais ser vigilantes e delicadíssimas de consciência: de modo que não seja favorecida a dispersão de devoções, enquanto há tanta necessidade de aprender perfeitamente não só a reza, mas ainda a prática do Patêr Noster!

#### 4 — Vida Celestial.

Por fim, uma vida celestial. A Imitação de Cristo traça a essência de vossa vocação: "ser digno de ficar com os côros angélicos, excluindo interior e exteriormente as coisas terrenas".

Eis-nos, pois, levados ao ponto de saída: vida virginal, vida celestial. Dêste modo vós, religiosas de vida ativa, permaneceis em perfeita consonância com vossas irmãs das ordens claustrais e contemplativas: **oportet sempre orare**, conforme o ensinamento de Jesus (Lc 18, 1). As monjas de clausura têm seu lugar junto ao tabernáculo: mas, não diferentemente, vós do Tabernáculo deveis mover os passos para a ação de apostolado.

Esta oração incessante torna vossa oração digna dos coros celestiais; dá-vos o toque supremo da vossa perfeição, que se expressa na ordem in-

terior e na graça e simplicidade exterior.

São Paulo, em ditando ao discípulo Timóteo normas muito sábias na escolha das diaconizas, diz explicitamente: **Mulieres similiter pudicas, non detrahentes, sobrias, fideles in omnibus**: as mulheres sejam, de igual modo, pudicas, que não murmuram, sóbrias, fiéis em tudo "(1 Tim 3, 11).

É este vosso hábito interior: cujo ornamento está expresso pela prudência do trato, pela mesura das palavras, pelo recolhimento habitual, pela fidelidade no cumprimento dos deveres quotidianos.

Diletas filhas!

Concluindo nosso paternal colóquio convosco nesta igreja admirável, é-Nos grato chamar vosso pensamento àquela Cruz que domina fulgidíssima no grande afresco da abóbada, animado pela fantasia e pela arte do piedoso religioso jesuíta Irmão Bozzo. Delineando a glória de S. Inácio, êle, com profunda intuição, quis celebrar também o triunfo da Cruz, da qual têm origem e sentido os feitos dos Santos.

Esta cruz domina em toda a sua majestade: e com eloquência incomparável lembra a todos que não basta levá-la no peito ou tê-la perante os olhos, mas é necessário tê-la esculpida antes de tudo na mente e no coração.

Seja a cruz o selo de vossa virgindade; a fonte de vossa força; a inspiração de vossas orações e o segredo de vossa paz, no antegozo dos gaudios do Céu, do qual vossa vida aqui na terra é simbolo e advertência. Vosso amor à Cruz conseguirá que o oferecimento que fizestes, de vós mesmas e de tudo o que é para vós mais caro, ao Senhor, possa expandir perfume suave e agradável (cfr. Phl 4,18) na Igreja Santa de Deus.

Com este voto de sobrenatural fecundidade, que expressamos a cada uma de vós, esteja perto ou longe, damos-vos ainda a certeza de Nossa oração quotidiana para vós, pedindo ao Senhor que vos conduza por seus caminhos escondidos de santificação e de glória. E como penhor da contínua assistência divina, queirais receber para todas vós, para as Coirmãs de vossos longínquos Institutos, especialmente para aquelas que se prodigalizam nos vastos campos das Missões, e para quantas estão provadas pelo sofrimento, como também para as queridas famílias vossas e paróquias que vos prepararam ao encontro com o Espôso celestial, Nossa especial e confortadora Bênção Apostólica.

## DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

*Enrique Euclides da Silva*  
*Prof. da Faculdade de Medicina da*  
*Universidade do Brasil*

Ao escrevermos esta nota, aguarda-se o pronunciamento do Senado sobre o Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, já aprovado pela Câmara dos Deputados. A maneira de um boato, corre pelo Brasil a afirmação de que o referido Projeto coloca em perigo a existência da escola pública afim de favorecer os estabelecimentos particulares de ensino, para os quais seriam concedidos favores e privilégios sem conta, principalmente de natureza financeira. Lamentavelmente, parte da Imprensa veicula tal afirmação sem qualquer crítica, dando-lhe intencionalmente ou não, foros de verdade; agitam-se os estudantes, agita-se a opinião pública e assim se forma a atmosfera de desconfiança — mesmo de hostilidade — contra o trabalho da Comissão de Educação e Cultura, termo final de uma iniciativa que vem de 1947. Há, evidentemente, grupos interessados em ocultar a verdade dos fatos e esta surge com a simples leitura do Projeto; por isso, vamos reproduzir aqui alguns artigos do mesmo, a começar pelo Art. 3, que é, aliás, repetição do Art. 167 da Constituição:

*“Art. 3. O direito à educação é assegurado:*

*1) pela obrigação do Poder Público e pela liberdade da iniciativa particular de ministrarem o ensino em todos os graus, na forma da lei em vigor”.*

Vemos, portanto, que o Poder Público tem a obrigação de ministrar ensino de todos os graus e, sendo assim, há de manter escolas públicas. A iniciativa privada tem reconhecida a liberdade para ministrar ensino, mas ao Poder Público se consigna uma obrigação; onde está, pois, o perigo de extinção da escola pública?

Talvez o perigo esteja na administração do ensino ou na distribuição dos recursos municipais, estaduais ou federais. Vejamos então a administração do ensino, em primeiro lugar. O Art. 6 diz que:

*“O Ministério da Educação e Cultura exercerá as atribuições do Poder Público Federal em matéria de educação”,* dizendo o Art. 7 que *“Ao Ministério da Educação e Cultura incumbe velar pela observância das leis do ensino e pelo cumprimento das decisões do Conselho Federal de Educação”.*

Este Conselho, segundo o Art. 8, será constituído de trinta membros, cabendo a cada unidade da Federação indicar um representante, sendo os demais membros de livre escolha do Presidente da República. Nos Estados, funcionarão os Conselhos Estaduais de Educação, segundo o disposto no Art. 10, assim redigido:

*“A lei estadual organizará Conselhos Estaduais de Educação, constituídos de membros de livre nomeação do Poder Público e de representantes escolhidos pelos educadores que integrem o ensino público e privado dos diferentes ramos”.*

Agora perguntamos: pode-se afirmar, sem má fé, que o Projeto de Diretrizes e Bases possibilita aos estabelecimentos particulares absorverem a administração do ensino, em detrimento da escola pública?

\* \* \*

Analisemos agora o que prescreve o Projeto sobre a aplicação de recursos do erário público da educação. Este é um dos pontos explorados pelos defensores do monopólio estatal do ensino (passo inicial de um sistema político totalitário) e também pelos **inocentes úteis**, todos propalando que o Projeto desvia para manutenção do ensino privado, os recursos que deveriam destinar-se à escola pública; dizem que vão diminuir ou desaparecer as escolas gratuitas enquanto as escolas particulares, além da receita que auferem pela cobrança direta aos alunos, serão aquinhoadas com verbas, subvenções e dotações graciosas impostas ao Governo pela nova lei.

Nada mais falso que isso. Para iniciar, o Art. 93 do Projeto repete o disposto no Art. 169 da Constituição em vigor, nos seguintes termos:

*“Art. 93. Anualmente, a União aplicará não menos de dez por cento e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, não menos de vinte por cento das respectivas receitas de impostos na manutenção e desenvolvimento do ensino”.*

Como deverão ser aplicados tais recursos? Será que o Projeto de Diretrizes e Bases os destina ao ensino privado e deixa sem amparo financeiro o ensino público? A questão é resolvida no Art. 94, do seguinte teor:

*“Art. 94. Os recursos a que se refere o Art. 169, da Constituição Federal, serão aplicados preferencialmente na manutenção e desenvolvimento do sistema público de ensino, de acordo com os planos estabelecidos pelo Conselho Federal e pelos Conselhos Estaduais de Educação, de sorte que se assegurem etc... etc...”.*

Ora, se o Projeto determina aplicação dos recursos financeiros **preferencialmente na manutenção e desenvolvimento do ensino público**, onde está o favoritismo protetor do ensino privado? Onde está o perigo para a existência da escola pública?

\* \* \*

Provado o quanto há de falso na afirmação de que o Projeto de Diretrizes e Bases favorece o ensino particular à custa do desamparo ao ensino público, vejamos agora o que nêle se consigna como cooperação financeira dos Poderes Públicos aos estabelecimentos de ensino. Assim reza o Art. 96 do Projeto:

*"Art. 96. A União dispensará a sua cooperação financeira ao ensino sob a forma de: a) subvenção, de acôrdo com as leis especiais em vigor; b) assistência técnica, visando ao aperfeiçoamento do magistério, à pesquisa pedagógica à reunião periódica, de congressos e seminários no âmbito do ensino; c) fianciamento a estabelecimentos mantidos pelos Estados, Municípios ou particulares, para a compra, construção ou reforma de prédios escolares e respectivas instalações e equipamentos".*

Afinal, a única novidade do texto é a possibilidade de financiamento às escolas particulares, pois que a concessão de subvenções a qualquer tempo pode ser pleiteada por um membro do Congresso, a favor de qualquer iniciativa que êle queira ajudar. E o financiamento, para o qual o parágrafo 1 do Art. 96 estabelece rigorosas condições de segurança, não é, porventura, uma operação banal de crédito bancário? É a isso que se resume a escandalosa proteção que o Projeto consigna ao ensino particular?

Vamos finalizar com um esclarecimento sôbre a atitude de oposição ao Projeto, por parte das graciosas meninas do Instituto de Educação, Escola Carmela Dutra etc. , do Distrito Federal. **Em todo o Brasil**, os diplomados ou diplomadas por escolas normais públicas ou particulares têm direito a ingresso no magistério primário, **salvo no Distrito Federal**, onde o exercício oficial do mesmo só pode ser entregue às diplomadas por Institutos ou Escolas Normais da Municipalidade; trata-se, pois, de privilégio anti-democrático, pois é notória a insuficiência dos institutos ou escolas normais na formação de professôras primárias, repetindo-se cada ano o espetáculo desolador de aproveitar-se, através de rigorosos exames de admisão, uma percentagem mínima de candidatas; por todos os lados, nesta nossa cidade, ouvem-se as queixas contra a insuficiência de escolas públicas primárias e a falta de professôras em muitas outras. Tudo isso é consequência dêsse antipático e anti-democrático monopólio do acesso ao magistério primário oficial. Ora, o Art. 58 do Projeto de Diretrizes e Bases procura corrigir essa incrível discriminação, pois coloca a situação no Distrito Federal em condições idênticas às que vigoram nos Estados, pelos seguintes têrmos:

*"Art. 58. Os que se graduarem nos cursos referidos nos artigos 53 e 55, em estabelecimentos oficiais ou particulares reconhecidos, terão igual direito a ingresso no magistério, primário, oficial ou particular, cabendo aos Estados e ao Distrito Federal regulamentar o disposto neste artigo".*

Portanto, o que querem as meninas do Instituto de Educação é a continuidade do privilégio anti-democrático e anti-social que vigora neste Distrito, isto é, que 8% das professôras em potencial se sintam em absoluta segurança graças a um privilégio ruinoso para os 92% de suas seme-

lhantes. Está certo?

Parece-nos ter demonstrado, através desta pequena exposição, quanto há de intencionalmente malévolos nessa campanha de descrédito contra o Projeto de Diretrizes e Bases já aprovado pela Câmara Federal. Não se poderá dizer dêle que é um trabalho perfeito; sob o ponto de vista dos que desejam o amparo do Estado, às iniciativas privadas de interesse público, como é o caso do ensino particular, muitas são as imperfeições e as omissões. Não se pode, porém, de boa fé, negar que se trata do mais importante esforço de sistematização até hoje realizado no setor do ensino, orientando-o segundo diretrizes democráticas; não pode, por isso mesmo, agradecer aos que, com aparência de patriotas, vão aplicando sclertemente a tática do "quanto pior, melhor"...

## NOVAS FUNDAÇÕES

*Espinosa*, Minas Gerais — O Vigário de Espinosa pede uma congregação de Religiosas para dirigir uma Escola Paroquial. As condições devem ser tratadas com o Revmo. Pe. Martinho, Missionário da Sagrada Família.

*Portela*, Est. do Rio — A Diocese oferece a uma Congregação Religiosa a obra existente: "Casa de Nazaré", com 6 alqueires de terra, casa com 20 meninos desamparados, para ser transformada em escola agrícola. Portela está no município de Itaocara, que conta mais de 20.000 habitantes, na diocese de Niterói, perto da divisa com a diocese de Campos. A Diocese passará tudo em doação, com a única condição de manter a obra.

*São José do Ribeirão*, Est. do Rio — Paróquia de uns 20.000 almas, com 5 ou 6 capelas, casa paroquial para vários padres e matriz em excelente estado, com um ou dois alqueires de terreno. Está situada a 18 Km de Nova Friburgo, com clima excelente e condução fácil. Oferece-se a uma Congregação para tomar a direção (ao menos com um Padre). Poderia ser casa de repouso para missionários, e até casa de noviciado.

*Ibitinga*, São Paulo — Cidade com cerca de 10.000 habitantes, na diocese de São Carlos, com 2 Padres diocesanos e os Padres Salvatorianos. A Conferência de São Vicente de Paulo oferece a administração de um Asilo para 40 velhos e 40 crianças. Está pronto o pavilhão para receber as religiosas, ao menos três no comêço.

# OBSERVAÇÕES PASTORAIS SÓBRE A PRIMEIRA COMUNHÃO

*Pe. Leão Douven C.Ss.R.*

Não há dúvida de que a Primeira Comunhão traz para a cura de algumas problemas especiais. Ela tornou-se para muitos pais uma festa de caráter meramente social, sem significação religiosa. Se os pais pensam assim, não é de estranhar que, como regra geral, as crianças se contaminem com as mesmas idéias. Assim, a Primeira Comunhão não é mais para elas um compromisso religioso, o comêço de uma vida plenamente cristã, mas o fim de um curto período de religiosidade; a Primeira Comunhão torna-se a única e a última. E essa desvalorização significa uma desvalorização, também, do catecismo. Geral é a queixa de que as crianças vêm ao catecismo para a Primeira Comunhão, mas que depois abandonam-no completamente. Ao serem perguntadas se estão no catecismo, ouve-se, freqüentemente das crianças: "Eu já fiz a Primeira Comunhão". Não é, pois, de se admirar que haja paróquias onde o catecismo consista somente na preparação para a Primeira Comunhão.

Tudo isso leva-nos a fazer algumas observações pastorais a respeito, destinadas especialmente às grandes cidades.

## **1) O ambiente familiar.**

A principal causa da desvalorização da Primeira Comunhão está nas famílias. A influência do ambiente do lar e, especialmente, da mãe, é muito mais poderosa do que a da catequista. Se em casa reina o egoísmo e o comodismo, como poderá o catecismo cultivar o espírito de sacrifício tão necessário para o católico? Que se pode esperar da criança cujos pais não tomam a sério a vida de Jesus; que acham que a Santa Igreja só tem direito de falar dentro da igreja, nada tendo a ver com sua vida particular; que julgam a religião coisa superada, coisa para crianças, um método muito bom para educá-las; que estão convencidos de que os padres, em questão de castidade se fingem santos para o mundo, e na realidade não são melhores do que os outros? Que se pode esperar da educação moral do menino se não somente o pai, mas também a mãe, estão firmemente

convencidos de que o rapaz precisa ter experiência com meretrizes afim de não ficar doente psíquica e fisicamente?

O problema é portanto que muitas famílias católicas, na realidade, têm uma mentalidade que não difere muito da pagã, e uma vez que como regra geral as crianças absorvem a mentalidade dos pais, a solução seria nestes casos: adiar-se a Primeira Comunhão se elas não derem provas indiscutíveis de amor a Deus. Adiá-la até que elas criem convicções sobre as principais verdades da vida cristã. Mas é bastante difícil dizer quais são essas famílias e quais essas crianças. Seria muito útil organizar para os pais conferências e debates sobre os temas acima indicados, para que eles sejam colocados diante das verdades da nossa religião e possam livrar-se de suas idéias erradas. A Primeira Comunhão é uma ótima ocasião para atrair os pais a esses debates, ou melhor, para organizar uma catequese de adultos.

Mesmo que uma ação desta envergadura não seja possível, o catecismo deve procurar recristianizar a mentalidade dos pais. A catequese deles pode ser feita: a) por reuniões mensais da Doutrina Cristã, seção das mães; b) por cartas circulares que lhes sejam enviadas regularmente; c) por visitas domiliares (estas são muito importantes); d) por reuniões obrigatórias para os pais cujo filho deseja fazer a Primeira Comunhão; e) pedindo-lhes que venham, pessoalmente, informar-se sobre a admissão do filho à Primeira Comunhão; f) exigindo-lhes que assinem uma declaração em que se comprometem a mandar os filhos ao catecismo e à Missa após a Primeira Comunhão.

## 2) Devemos ser severos na admissão ou devemos facilitar?

Entretanto, não somente os pais são culpados da desvalorização da Primeira Comunhão; nós mesmos colaboramos em parte, facilitando demais a admissão a ela. Que devemos exigir, então, das crianças antes de admiti-las?

O Codex Iuris Canonici exige como condição mínima: "huius sacramenti cognitionem et gustum", "conhecimento deste sacramento e gosto por ele (cân. 854 § 1). Não havendo perigo de morte exige ainda: "acuratiō preparatiō... qua ipsi fidei saltem mysteria necessaria necessitate mediū ad salutem pro suo captu percipiunt et devote pro suae aetatis modulo ad sanctissimam Eucharistiam accedant", "uma preparação mais apurada pela qual cada um, de acordo com sua capacidade, aprenda os mistérios da fé que são necessários por absoluta necessidade para a salvação, e pela qual possa aproximar-se da Eucaristia com devoção, de acordo com sua idade" (idem § 3).

Estas determinações não impedem que o prelado diocesano faça mais outras condições, que obriguem igualmente, em consciência.

A teologia moral exige para a Comunhão o estado de graça ("caritas habitualis") como condição absolutamente necessária, mas exige também "actualis devotio seu erectio menti ad Deum, seu caritas actualis", "atos

de devoção, a elevação do coração a Deus ou atos de amor". Estas condições, porém, são próprias para orientar a consciência de cada um; não servem, contudo, para o vigário como norma para admitir crianças à Primeira Comunhão ou para excluí-las dela. Esta norma devemos procurar na significação especial que a Primeira Comunhão tem na comunidade cristã: pois a criança neo-comungante é considerada amadurecida para tomar parte na vida pública da Santa Igreja e da paróquia, especialmente no seu culto (1). E esta significação especial poderá indicar-nos algumas normas a adotar na sua admissão. Participação no culto público diz respeito, principalmente, à Missa e à Comunhão. Antes de admitir, então, aos crianças, deve haver real esperança de que continuem freqüentando a Missa e recebendo a Comunhão. Mas como podemos ter esta esperança se elas não freqüentam a Missa nem antes da Primeira Comunhão? Nada mais natural, então, que a teologia pastoral imponha como condição: a freqüência à Missa durante um prazo determinado.

Entretanto, um bom católico, além de frequentar a Missa e de comungar, deve também aperfeiçoar e aprofundar seus conhecimentos a respeito de Deus, de Jesus e da Santa Igreja para que possa viver, realmente, como católico. Este aperfeiçoamento é ao mesmo tempo a base para poder cumprir um outro dever social da Igreja: o do apostolado. Mas, como podemos ter esperança de que isto aconteça se a criança, antes da Primeira Comunhão, não se interessa seriamente pelo catecismo? Daí a teologia pastoral exigir também a freqüência ao catecismo durante algum tempo. Em resumo, a criança deve, aos poucos, criar consciência de que pertence à comunidade cristã.

Assim compreendemos que, por motivos pastorais, Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, exige para a Primeira Comunhão a freqüência à Missa durante seis meses e ao catecismo durante um ano. Sem isto, não haverá suficiente garantia de que a criança continuará a levar uma vida realmente cristã.

Estamos, portanto, a favor de maior severidade na admissão à Primeira Comunhão. No tempo do Jansenismo um rigor excessivo afastava muitos fiéis dos sacramentos. No tempo atual corremos o risco de cair no extremo oposto, corremos o risco de admitir aos sacramentos também os indiferentes e afastados, e, portanto, de desvalorizá-los no conceito do povo. O mesmo podemos dizer da Primeira Comunhão. Se facilitarmos a sua admissão, favoreceremos a tendência já bastante pronunciada que considera a Primeira Comunhão como um ato meramente social, quase sem significação religiosa.

Os que estão a favor de menos rigor, alegam, geralmente, dois argumentos: 1) que a recusa da admissão à Primeira Comunhão afasta da Igreja grande número de fiéis, e, 2) que devemos confiar na graça do sacra-

(1) Se toda Comunhão tem um aspecto comunitário — ela une, místicamente, os fiéis em Cristo — particularmente a Primeira. Daí a solenidade exterior especial que a acompanha: é uma festa "da paróquia" e não somente daquelas crianças ou de suas famílias.

mento.

Quando ao primeiro, podemos perguntar: será que estamos afastando os fiéis, ou será que estamos lidando com pessoas que já vivem afastadas? Explicamos acima, que a muitas famílias falta, não somente a prática cristã, mas — o que é bem pior — também o espírito cristão, a mentalidade católica. A um simples pecador falta a caridade, restando-lhe ainda a fé da qual pode provir a conversão. A muitas famílias porém a própria fé está desaparecendo, está sendo substituída por uma ideologia, uma mentalidade pagã que absorvem no ambiente pagão em que vivem. E na medida em que isto acontece, estão se separando da Igreja, pois sabemos que estão fora da Igreja os batizados que perderam a fé. Quanto à Primeira Comunhão, está desaparecendo nestas famílias a noção de que antes de mais nada ela é um compromisso religioso com Jesus, compromisso também com a Santa Igreja. Recusando seus filhos, não estamos afastando os fiéis, mas fazendo compreender a essas pessoas que elas já vivem afastadas da Igreja, e que, por sua vida e sobretudo por suas idéias, não oferecem a necessária garantia de uma educação cristã para seus filhos. Fazemo-lhes compreender também que estes, na medida que absorverem aquela mentalidade pagã, são indignos de receber a Comunhão.

Podemos formular ainda a seguinte pergunta: admitirmos os filhos para não chocar os pais, será que não estamos usando da Comunhão como meio de atraí-los? Não devemos pensar que, facilitando, conseguiremos que a criança continue fiel à Igreja, ou que os pais voltem para ela. A experiência ensina que não conseguimos nem um nem outro. Os pais continuam ainda mais convencidos de que são bons católicos, e de que Deus deve estar muito satisfeito com eles. A criança fez a sua única e última Comunhão e não volta mais ao catecismo nem à Missa: já cumpriu seu dever de católica. Se se converter mais tarde, será por causa da Comunhão que recebeu uma vez? Realismo sadio nos ensina que, com nossa benevolência, só conseguimos desvalorizar a Primeira Comunhão.

Quanto à graça do sacramento, ela consiste no "auxilium divinum ad fovendam unionem cum Christo et transformationem hominis in Ipsum per charitatem", "auxílio divino para intensificar nossa união com Cristo, e para transformar cada vez mais os homens n'Ele através do amor". — Ela é dada a cada um de acôrdo com as disposições com que comunga. Será, pois, que podemos esperar que esta graça do sacramento seja suficiente para conservar na religião a criança que aos poucos está absorvendo uma mentalidade errada a respeito da religião e que não tem o apoio de um ambiente religioso?

Supondo, então, que devemos usar de maior severidade na admissão à Primeira Comunhão — de acôrdo com as determinações diocesanas — chegamos à interrogação: como agir na prática?

Em primeiro lugar, constatamos que a decisão sobre a admissão da criança não pertence, exclusivamente, ao vigário, mas também aos pais e aos educadores (cfr. cân. 854 § 4), entre os quais em primeiro

lugar as catequistas. Praticamente significa isto que a catequista devia entregar ao vigário uma relação em que ela opina sobre cada criança. Depois, o vigário devia averiguar se ela aplicou as normas adotadas. Nos casos duvidosos, seria bom conversar com os pais da criança, para ver se o ambiente familiar ajuda ou prejudica a educação religiosa.

Em segundo lugar, não convém proceder precipitadamente. Quando temos em vista adotar normas mais rigorosas, devemos evitar chocar a opinião pública com uma mudança brusca, para que não pensem que castigamos os filhos em represália aos pais. Nossa finalidade deve ser: fazer ver a um grupo de pessoas que elas se dizem católicas mas que na realidade vivem afastadas da Igreja, e que dessa maneira não podem reclamar a Primeira Comunhão para seus filhos; ensinar-lhes que estes só podem ser admitidos se satisfizerem a certas condições, se derem esperança e uma certa garantia de continuarem na religião, e que a falta de espírito cristão no lar é uma forte contra-indicação para isso, uma vez que, como regra geral, a criança absorve as idéias dos pais. Nossa finalidade é, portanto mudar uma mentalidade e respeito da Primeira Comunhão, sanear as idéias e apreciações erradas que alguns têm. E isto exige um trabalho demorado e progressivo. No primeiro ano, o vigário limitar-se-á a explicar as condições para a Primeira Comunhão. De todas as maneiras possíveis, é preciso inculcar nos pais e nas crianças que a condição essencial para a Primeira Comunhão é o amor a Deus. Repetir isso nas aulas, nas provas, nas cartas circulares aos pais, no púlpito e nas reuniões com as mães. Depois, firmar que a criança deve mostrar êsse amor cumprindo os mandamentos, freqüentando a Missa e o catecismo, e esforçando-se por comportar-se bem e por estudar a religião. É preciso explicar aos pais que, para sabermos se a criança tem bastante amor a Deus, temos de orientar-nos por estas manifestações externas.

Para maior compreensão convém insistir: não basta ir ao catecismo somente, para poder fazer a Primeira Comunhão; é preciso segui-lo por motivos religiosos e com amor a Deus. Aconselha-se às mães que lembrem aos filhos a Missa de preceito, mas que não os obriguem da mesma maneira como podem obrigá-los a irem à escola, pois amor exige liberdade de ação. Devem insistir mais ou menos assim: "Se você tem amor a Deus, é certo que irá à Missa", Tal conselho, apoiado pelo exemplo dos pais, tem muita influência no coração da criança, formando nela o verdadeiro espírito cristão. Os pais devem evitar, também, exortações como estas: "Se você não vai à Missa, não faz a Primeira Comunhão". Dir-lhe-ão antes: "Se você faltar à Missa, mostra pouco amor a Deus, e se tem pouco amor a Deus, não pode fazer a Primeira Comunhão".

Entretanto, quando chegar a hora de decidir quais as crianças que serão admitidas, convém facilitar e contentar-se com a promessa de que elas continuarão no catecismo e de que irão sempre à Missa. No segundo ano, então, já se poderá usar de mais rigor, e assim por diante.

Seguindo êste processo, verificaremos que várias famílias desisti-

rão, por iniciativa própria, da Primeira Comunhão de seus filhos, o que não seria tão lamentável. Veremos também que várias crianças recusadas começam a esforçar-se, pessoalmente, por freqüentar a Missa e o catecismo, apesar da indiferença, ou até oposição dos pais. E isto é um resultado notável. Mas uma vez que se trata de uma "mentalidade" errada, não devemos confiar demais em resultados imediatos. Assim, muitas crianças cumprirão, à risca, as exigências requeridas. Virão à Missa e ao catecismo quase sem faltar, porém, quase exclusivamente, para não perder "aquela festa", e depois da Primeira Comunhão desaparecerão por completo. Mais importante do que aqueles resultados imediatos é que pouco a pouco conseguiremos valorizar novamente a Eucaristia no conceito do povo. E isto só se consegue a longo prazo.

Convém frisar ainda que podemos ser mais tolerantes com as crianças pobres do que com as ricas, pois as famílias pobres (e com elas os filhos) conservam melhor uma mentalidade cristã, mesmo que não haja prática religiosa regular. O mesmo em relação às crianças da roça, onde o ambiente social ainda é realmente cristão.

Durante o ano, a criança deve fazer algumas provas de religião. O valor delas, entretanto, é muito relativo. Nas escolas a condição para passar de ano é adquirir conhecimentos suficientes. Religião, porém, é em primeiro lugar amor e por isso nota baixa nem sempre significa que a criança não pode fazer sua Primeira Comunhão, como também nota alta, por si só, não é motivo para ela fazê-la. Nota baixa é tão somente motivo para recusar-se uma criança, quando se constata o pouco interesse ou a falta de maturidade dela. Geralmente, dá-se valor demais às provas de religião, em prejuízo da atitude interior da criança para com Deus.

### 3) Preparação para a Primeira Comunhão.

A preparação das crianças que têm catecismo na igreja, em geral, não oferece problemas. O mesmo não podemos dizer da preparação feita nas escolas.

Julgamos insuficientes as aulas que forem dadas, somente, no horário escolar. É preciso que durante algum tempo as crianças tenham, semanalmente, uma aula especial de religião. Aliás, isto é aconselhável também para as que ainda estão longe da Primeira Comunhão e para aquelas que já a fizeram. O sistema de aulas especiais, além de facilitar o controle da freqüência à Missa, eliminará, automaticamente, muitas crianças que não perserveram neste "regime", que não têm, portanto muito boa vontade. As crianças precisam ter ocasião de provar seu amor a Deus, e também de cultivá-lo.

É aconselhável que elas se confessem não em grupo mas isoladamente, não na véspera da Primeira Comunhão, mas algum tempo antes. A confissão, feita na véspera, tem o perigo de tornar-se uma formalidade, dificultando a compunção e a penitência, pois que nesse dia a criança

está tôda esperançosa pela festa.

Quando a Comunhão está próxima, seria bom que elas rezassem todos os dias algumas orações em que falam a Jesus del suas intenções e de seu amor.

É bom fazer do dia da Primeira Comunhão uma festa para as crianças, mas devemos ter cuidado que haja bastante piedade. Talvez seja interessante relatar uma tentativa que fizemos nêste sentido.

Procuramos organizar solenidades que para as crianças simbolizem alguma coisa, que tenham significação religiosa. A entrada na igreja simboliza a admissão à Primeira Comunhão. Por isso, o padre vai ao encontro delas e na porta lhes dirige algumas perguntas sôbre as disposições com que vieram. Depois admite-as solenemente.

Antes do Ofertório, as crianças renovam, num rito simbólico, sua fé na Eucaristia, sua fé na presença real de Jesus. Elas recebem uma hóstia não consagrada e ao serem interrogadas explicam o que ela é e em que será transformada. Em seguida, para simbolizar sua participação no culto público da Igreja, cada criança (senão uma em nome de tôdas) leva a hóstia não consagrada para o altar.

Para acentuar a intimidade que deve haver entre Jesus e a criança, não se canta durante sua Comunhão. Pelo mesmo motivo, a Hóstia é recebida de olhos fechados.

A renovação das promessas do batismo se dirige para o futuro. Conscientes de suas dignidades de cristãos, as crianças prometem fé, esperança e amor, e para acentuar a importância desta promessa, uma por uma, elas põem a mão no Evangelho do dia e dizem: eu prometo ficar fiel a Jesus.

Nestas solenidades devemos evitar uma disciplina por demais rigorosa que não é própria a crianças, e que só serve para agradar aos que estão assistindo. Assim as crianças devem ensaiar, sômente, até que não se atrapalhem mais.

O texto dos côros falados segue no fim dêste artigo.

#### 4) Vestidos para a Primeira Comunhão.

Uma vez que a Primeira Comunhão é, para muitos, uma festa de caráter apenas social, devemos combater a vaidade excessiva que se mostra em vestidos luxuosos, e exigir que cada criança se vista de acôrdo com as possibilidades financeiras da família. Muitas paróquias adotam a túnica litúrgica. E realmente, ela favorece a piedade e reprime o desejo de ostentação. Quanto aos vestidos cumpridos, nada impede que para a Primeira Comunhão os vestidos sejam até ao Joelho.

Quanto a côr, lamentamos que muitos dão importância demais ao branco. No casamento, o vestido branco simboliza a virgindade que a noiva conservou até aí, e de que se despede. A Comunhão, porém, é em primeiro lugar o sacramento, não da virgindade, nem da castidade, mas do amor. Aliás, as crianças nem sabem, muitas vêzes, o que é castidade.

Por isso devemos combater o costume de apresentar as meninas como noivas. As mães, ao vestirem suas filhas de branco, devem saber que essa côr simboliza a pureza de alma num sentido mais amplo: pureza de todo pecado e não especificamente, a castidade. Embora o branco tenha sua significação, devemos explicar aos pais que também outras côres e outros tipos de vestido servem. É uma vez que os meninos raramente usam terno branco — “suja muito”, dizem as mães — talvez seja preferível o azul marinho. Muitas mães concordam imediatamente.

Também não achamos ideal o uniforme escolar. A Primeira Comunhão significa que, a partir de então a criança passa a ser contada entre os que, espiritualmente, se tornaram adultos pelo amor que têm a Deus. Por isso ela pode, daí em diante, participar da mesa dos “adultos”, a mesa da Comunhão. Para simbolizar esta mudança na sua vida, é bom que ela compareça de roupa nova, e não com a da escola.

##### 5) A primeira preocupação deve ser o número?

Através da Santa Igreja, o vigário recebeu de Jesus a incumbência de levar a palavra de Deus a todos os paroquianos: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16, 15). Sem dúvida, compreendemos que não conseguimos cumprir a risco esta tarefa, mas sentimos-nos talvez aliviados, ao pensar que quase todas as crianças da paróquia fazem a Primeira Comunhão, e nessa ocasião até recebem alguma instrução religiosa. Realmente, são muito poucas as que deixam de fazê-la. Talvez consideremos isto como um resultado razoável. Mas será que êle não é fictício? Quantas perseveram? Comparemos, por exemplo, o número de Primeiras Comunhões e o número de alunos do catecismo. Numa paróquia onde há 200 Primeiras Comunhões por ano, o número de alunos do catecismo “paroquial” dificilmente passa de 250. Temos ainda o consôlo das escolas. Supondo que o catecismo ali seja bem organizado, instruimos através dêle a maior parte das crianças. Também êste resultado nos engana, pois podemos perguntar: para cumprir a incumbência de Jesus, basta pregar e instruir? Não; através da pregação e do catecismo devemos estabelecer o reino de Cristo, constituir na paróquia a Santa Igreja, fazer dos fiéis uma comunidade cristã, uma comunidade apostólica e litúrgica de amor. Essa obra não estamos realizando nem por meio das Primeiras Comunhões, nem através das escolas. Nossa primeira preocupação não deve ser, pois, o número, nem o bem individual de todos. A melhor maneira de cuidar do bem individual de todos é formar uma comunidade paroquial, mesmo que, imediatamente, não alcancemos uma grande parte dos fiéis. Essa comunidade que não é outra coisa senão a Santa Igreja “hic et nunc”, deve atrair os indiferentes e afastados. Para conseguirmos isto, não podemos rebaixar os sacramentos ao nível dêles, não podemos colaborar na desvalorização da Eucaristia ou da Primeira Comunhão. A medida que revalorizarmos os sacramentos no conceito do povo, a paróquia co-

meçará a causar "choque", isto é, a sacudir a consciência dos indiferentes e afastados. Estes devem sentir que os sacramentos são meios de santificação e que para serem admitidos a eles não basta que sua recepção seja tradição familiar ou costume social, mas que se exige convicção cristã e vida correspondente.

Para se formar a comunidade paroquial, o catecismo é de muito valôr se nêle incluirmos também os pais. As pessoas que, geralmente, frequentam a igreja, pertencentes às várias associações, em grande parte são idosas e, geralmente, de pouca influência na sociedade. Começando com elas, será mais difícil formar uma comunidade paroquial. Melhores possibilidades, a nosso ver, teremos com os pais das crianças. E através de conferências e debates organizados para êles, podemos penetrar profundamente nas várias camadas da sociedade que, praticamente, se retiram da Igreja. De acôrdo com as mentalidades existentes na paróquia, os debates podiam versar sobre as seguintes perguntas: Jesus é uma lenda ou uma figura histórica? a Igreja pode mandar também na vida particular dos fiéis ou só na igreja? para os ministros da Igreja, os padres, o celibato é instituição boa? a castidade, especialmente, dos rapazes, é possível, ou deve haver experiências antes do casamento? a Igreja tem autoridade de interpretar, em nome de Deus, leis a respeito da limitação da prole? se o casamento não deu certo, os esposos têm o direito de tentar novamente a felicidade, dissolvendo-o através do divórcio? Também seria bom debater com os pais a importância do amor desinteressado na vida conjugal e na convivência social entre espôso e espôsa, e a necessidade de combaterem o comodismo e egoísmo e de asemelharem-se a Jesus até nos sofrimentos que Deus lhes envia.

Colocando assim os pais diante das verdades da Igreja, provocariamos "choque" entre o espírito de Cristo e a mentalidade pagã do mundo, "choque" que a nosso ver é utilíssimo. Dos pais, uns excluiriam seus filhos da Primeira Comunhão, mas outros se aproximariam da Santa Igreja. Conseguiríamos que muitos católicos se definissem, claramente, em dois campos: o dos católicos verdadeiros e dos só de nome. E enquanto agora muitos afastados dizem: "eu sou melhor do que os da Igreja", os fiéis passariam a constituir uma comunidade que inspirasse respeito e admiração, que mais do que atualmente seria o sal da terra, a luz do candelabro e o fermento da massa.

Entretanto, para fazermos um trabalho construtivo, temos que ir mais longe ainda; devemos começar a formação religiosa da criança não quando está com sete ou oito anos, mas quando os pais ainda são noivos. Os noivos e recém-casados estão mais abertos para a religião. Nessa época é que devemos formar o ambiente religioso de que a criança vai precisar mais tarde. Se conseguirmos isto, será muito menor o número de crianças que depois de terem frequentado o catecismo, aos 14 ou 15 anos abandonam a religião. Por isso, o catecismo deve começar com os noivos.

Não é, portanto, em primeiro lugar o número que nos deve preocupar, mas o ambiente em que a criança vive: o lar onde deve reinar o espírito cristão e a sociedade onde deve haver uma comunidade cristã. Segue o texto dos côros falados da Primeira Comunhão.

ADMISSÃO À PRIMEIRA COMUNHÃO  
(na porta da Igreja)

A pessoa responsável pela educação religiosa das crianças diz:

— *Reverendo Padre, apresentamos aqui as crianças que desejam fazer a Primeira Comunhão. Pedimos que lhes faça algumas perguntas, a fim de saber se estão preparadas para receber a Sta. Comunhão.*

Padre: *Queridas crianças, porque o dia de hoje é um dia de festa para vocês?*

Crianças: *Porque vamos receber pela primeira vez o grande amigo das crianças.*

Pe.: *É quem é o grande amigo das crianças?*

Cr.: *É Jesus.*

Pe.: *Sim, é Jesus, e vocês sabem que Ele tem muito amor às crianças. Que disse Jesus para mostrar seu amor às crianças?*

Cr.: *"Deixai vir a mim as criancinhas".*

Pe.: *Realmente, quando os apóstolos quiseram afastar as crianças de Jesus, Ele chamou-as e abençoou-as. É este Jesus que vocês vão receber, hoje, na Sta. Comunhão. Respondam-me, agora, porque vocês querem receber Jesus?*

Cr.: *Porque Ele pede para entrar em nosso coração.*

Pe.: *Sim, Jesus pede para entrar em seus corações. E como Ele é tão bom, quer deixar lá muitas graças, quer atender aos pedidos que vocês Lhe fizerem. Digam-me, o que Lhe vão pedir em primeiro lugar?*

Cr.: *Que aumente muito nosso amor a Deus.*

Pe.: *E para que vocês vão pedir a Jesus muito amor a Deus?*

Cr.: *Para ficarmos fiéis a Ele.*

Pe.: *Mas, compreendam bem, quem tem amor a Deus, faz o que Ele manda, cumpre seus deveres de católico. Qual dos deveres é o mais importante para um bom católico?*

Cr.: *Assistir à Sta. Missa nos domingos e dias santos.*

Pe.: *Realmente, a Missa é o ponto central de nossa religião. Digam-me, que acontece de tão importante na Sta. Missa?*

Cr.: *Jesus se oferece a seu Pai, como se ofereceu no Calvário.*

Pe.: *Srs. Pais, Professores e Catequistas, julgais que vossos filhos ou alunos podem assumir as responsabilidades que a Comunhão traz consigo?*

Pais, Prof. e Cat. *Quanto nos é possível dizer, julgamos que estão preparados para receber a Sta. Comunhão.*

Pe.: *Então, eu como vigário desta paróquia (ou: pela autoridade a mim conferida pelo vigário da paróquia) ADMITO-VOS À PRIMEIRA COMUNHÃO, e vos convido a tomar lugar nos bancos.*

## OFERECIMENTO DO PÃO (Antes do Credo)

(Cada criança recebe uma hóstia não consagrada)

Pe.: *Que é isso que vocês receberam?*

Cr.: *É uma hóstia não consagrada.*

Pe.: *Realmente, mas que é uma hóstia não consagrada?*

Cr.: *É pão.*

Pe.: *Sim, e na Sta. Missa êsse pão será transformado no Corpo de Jesus. Em que momento?*

Cr.: *Na Consagração.*

Pe.: *Nesse momento o padre diz as mesmas palavras que Jesus na última Cêia. Quais são?*

Cr.: *"Isto é meu Corpo".*

Pe.: *O padre diz também algumas palavras sobre o cálice com vinho. Quais são?*

Cr.: *"Êste é o cálice do meu sangue".*

Pe.: *Isso mesmo, e é nesse momento que o pão e o vinho são transformados no Corpo e no Sangue de Jesus. Então êsse pão que vocês receberam, não será mais pão e sim o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. — Mas para quê vem Êle ficar presente na Hóstia Consagrada?*

Cr.: *Para ser o alimento de nossa alma.*

Pe.: *Sim, Jesus quer alimentar nossa alma, ou melhor, quer alimentar nosso amor a Deus. É por esta razão é necessário que comuniquemos, que comuniquemos até freqüentemente. Jesus mesmo o ordenou claramente dizendo: "Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós". Que quis dizer com estas palavras?*

Cr.: *Que êsses não irão para o céu.*

Pe.: *Jesus prometeu muitas graças aos que comungam sempre e com devoção. Êle disse: "Quem come a minha carne e bebe meu sangue, tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia". Que quis dizer com isso?*

Cr.: *Que terão uma ressurreição gloriosa no fim do mundo.*

Pe.: *(Se não houver procissão do Ofertório:) Agora um menino e uma menina vão recolher as hóstias que vocês receberam e vão levá-las para o altar para serem oferecidas a Deus e na Consagração serem transformadas no Corpo de Jesus.*

## RENOVAÇÃO DAS PROMESSAS DO BATISMO

1) O padre descreve a solenidade do batismo, e depois diz:

— *Vocês foram batizados em nome de quem?*

Cr.: *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*

Pe.: *Sim, e naquêle momento vocês passaram a tomar parte na vida íntima da Ss. Trindade. Que é que se tornaram de Deus Pai e de seu Filho Jesus?*

Cr.: *Filhos de Deus e irmãos de Jesus.*

Pe.: *E o Espírito Santo?*

Cr.: *Veio morar em nossa alma.*

Pe.: *E quando o Espírito Santo veio morar na alma de vocês, expulsou dela quem?*

Cr.: *O demônio.*

2) Pe.: *Depois do batismo, então, vocês devem viver como convém aos filhos de Deus, aos irmãos de Jesus, e devem honrar o Espírito Santo que é o hóspede de sua alma. Como filhos de Deus, qual é o dever de vocês para com Deus Pai?*

Cr.: *Amá-Lo de todo coração e obedecer aos seus mandamentos.*

Pe.: *Deus Filho veio ao mundo e aceitou livremente os sofrimentos da cruz. Como seus irmãos, que devem vocês fazer se um dia tiverem algum sofrimento?*

Cr.: *Seguir seu exemplo e sofrer com Ele.*

Pe.: *E o Espírito Santo que no batismo se tornou o hóspede da alma de vocês, quer permanecer aí para sempre. Para que?*

Cr.: *Para santificá-la.*

3) Pe.: *Agora vocês querem prometer a Deus fé, esperança e amor?*

Cr.: *Sim queremos.*

Pe.: *Há muitos que não acreditam em Jesus, muitos que seguem sua própria opinião e não a doutrina de Jesus, muitos que crêem no espiritismo ou noutras religiões e não na Sta. Igreja. E vocês em que crêem?*

Cr.: *Creemos em Jesus e na Sta. Igreja.*

Pe.: *Sim, cremos, em Jesus. Ele é para nós o Caminho, a Verdade e a Vida. Mas nem todos pensam assim. Muitos pensam quase somente em ganhar dinheiro, e em se divertir. Esperam toda felicidade dos bens do mundo. E vocês esperam tudo de quem?*

Cr.: *Esperamos tudo de Jesus.*

Pe.: *Realmente Jesus é a nossa única esperança. Sem Ele nunca poderemos ser felizes. E Ele dará a felicidade também a vocês, mas com uma condição. Qual é?*

Cr.: *Viver na amizade de Deus e amá-Lo de todo o Coração.*

Pe.: *Muitas pessoas dizem amar a Deus, mas quando Ele lhes pede algum sacrifício, elas se afastam d'Ele. Digam a Deus Pai que O amam muito!*

Cr.: *Deus Pai, queremos amar-Vos como Jesus Vos amou.*

Pe.: *Agora cada um venha para a frente, coloque a mão direita no Evangelho e diga de todo coração: Eu prometo ficar fiel a Jesus.*

4) Pe.: *Agora vocês vão prometer cumprir seus deveres. Digam que continuarão indo à Missa depois da Primeira Comunhão, cantando:*

*Da santa doutrina  
cuidado eu terei.*

*À Missa — eu prometo —*

*jamais faltarei. Viva Cristo Rei, Viva Cristo Rei.*

Pe.: *Hoje vocês comungaram pela primeira vez. Não pode ser a única e última. Vocês devem comungar daí em diante regularmente, e até muitas vezes. Mostrem desejo de comungar, cantando:*

*A Hóstia Sagrada,  
que vejo no altar,  
é Cristo que eu quero  
me venha salvar.*

Pe.: *Nós somos fracos e às vezes faltamos ao amor a Deus. Devemos, então, humilhar-nos diante d'Ele e pedir-lhe perdão pela Confissão. Prometam isso cantando:*

*Se acaso o pecado  
vier me envolver  
à alma eu procuro  
a paz devolver.*

Pe.: *Devemos cuidar também dos outros e ajudá-los a irem para o céu. Digam que farão isto, cantando:*

*Bondoso e alegre  
eu sempre serei.  
Servir aos colegas  
disposto estarei.*

Pe.: *Prometam, finalmente entregar-se todo a Jesus e observar sempre a sua santa lei, cantando:*

*A Cristo prometo  
meu ser entregar,  
e a lei de Deus santa  
jamais desprezar.*

## M A G N Í F I C A T

### LIVRO DE ACOMPANHAMENTO E MANUAL DO CANTOR (300 cantos a 1, 2, 3, 4, 5 vozes)

A Coleção FTD dos Irmãos Maristas orgulha-se em apresentar o LIVRO DE ACOMPANHAMENTO do MAGNIFICAT, (manual do cantor) antigo HINOS E CÂNTICOS ESPIRITUAIS F. T. D.

Trata-se de rico volume de 216 páginas, gravado na Holanda, com primorosa apresentação. Impresso em papel couchê e encadernado em percaline verde com gravação a ouro.

É imprescindível a todo organista, não podendo faltar em nenhum coro, colégio, paróquia ou comunidade religiosa.

Especial para CASAS DE FORMAÇÃO

PEDIDOS: Colégio Arquidiocesano — At. do Irmão Ático Rubini

Rua Domingos de Moraes, 2565 (Vila Mariana) — SÃO PAULO (CAP.)

ou Coleção F. T. D. — Cx. postal 15.176 (Cambuci) — SÃO PAULO (Cap.)

Acompanhamento: Cr\$ 600,00 — Manual Cr\$ 110,00 — Por reembolso postal

Descontos especiais para revendedores

# CIÊNCIA DO IDEAL EDUCATIVO

*P. Otorino Fantin SDB (S. Paulo)*

É indiscutível que para muitos educadores, que já de há muito mourejam nos campos da formação da juventude, subsistem ainda incógnitas angustiosas acêrca do trabalho que realizam. Nenhum manual de pedagogia, de psicologia ou ensino lhes possibilitará a solução dêstes problemas. A causa é mais profunda, muito oculta.

Parece que se deveria procurar no âmbito da Pedagogia o ramo que se apresenta como filão rico e inexplorado em grande parte. Queremos aludir àquilo que se poderia definir como "Ciência do Ideal". Sem meditação profunda, e sem recordar-se do fim universal do homem, o educador não pode estar à altura de sua missão, como não saberá colocar os vários fatores da educação na ordem lógica que lhes compete, harmonizando-os com a relação justa de educação integral. Nunca saberá conferir a cada uma das ações pedagógicas o contrapêso necessário que permite evitar o desenvolvimento unilateral das forças internas, das energias vivas. A ciência do ideal permite adotar um critério único na escolha ajuizada daqueles métodos ou processos educacionais realmente eficientes, que logram resultado positivo. Com ela é possível examinar sobranceiramente as propostas ou sugestões que se apresentam, sem coagir o ideal educativo por causa de exigências contingentes ou de somenos importância.

## **A ciência do ideal**

Talvez a nomenclatura pareça a muitos nova... Não se nega! O conteúdo doutrinário do termo é rico, antigo, e desafortunadamente pouco desfrutado no campo da educação. Parece, entretanto, que a primeira aprendizagem na árdua tarefa de educar deveria ser precisamente esta: educar-se para educar!

Um programa de grandeza que qualquer educador legitimamente pode prognosticar para si mesmo é o de realizar na vida uma afirmação digna de sua personalidade, tanto mais duradoura quanto mais tem consciência de sua transitoriedade. Uma afirmação global, que revela as grandezas da alma e do corpo.

Esta afirmação humana, bem pessoal e porisso mesmo meritória, atua-se por meios intrínsecos e extrínsecos, de natureza variável e intensidade mais ou menos acentuada, que contribuem em medida crescente para a maturação daquele cunho personalístico peculiar, que em psicologia se apelida de **caráter**. Um sinal, um distintivo, um meio de individualização que nos diferencia em relação ao procedimento e à continuidade por meio de um **Tonus** de vida, assim como a espiritualidade diferencia a superioridade da alma da inferioridade do corpo.

O caráter do homem é algo que entra na ordem dos elementos morais do homem formado e que confere ao indivíduo a posse total, resistente, de si próprio; um auto-domínio perfeito, uma **autonomia dirigida** para objetivar os valores do mundo de relação, de conhecimento e de afetividade.

Porque cultivar a ciência do ideal? Porque o **ideal** é o meio interno mais apropriado à formação do caráter, e porque está intimamente relacionado com êle. Seria impossível, na prática, a consecução de uma formação sem êste norte seguro, sem a bússola que orienta os esforços humanos, as decisões e os atos volitivos.

Afinal, não ensina a psicologia experimental que os meios intrínsecos de elevação e de ação se reduzem ao **esforço pessoal**?

É evidente que o esforço deva encontrar sua realização na fixação de um ideal nobre e elevado, possível de ser realizado em concreto. Vigny não afirmou nenhuma novidade, ao declarar que "uma grande vida é um pensamento da mocidade, realizado com os anos e concluído na idade madura"! Sem ideal há perigo de sermos autômatas mesmo nas missões mais delicadas da vida, como o é a educação. A vida de quem não tem ideal definido e cultivado, assemelha-se a um aparelho de repetição.

A ciência do ideal se reduz assim à consciência do que se realiza, das aspirações que nos movem.

### **Ideal e aspiração**

Impõe-se uma distinção. Ao ideal inere um sôpro vital e diríamos eterno, mesmo quando realizado no tempo. A aspiração é um suspiro, um desejo da alma que pode oportunamente auxiliar o alcance do ideal. O ideal é sempre uma **idéia-fôrça**, ou seja, um movimento de ação e de adesão à verdade que nos propusemos alcançar.

Nem a escolha do ideal indica de per si uma vida ideal. A vida de ideal pressupõe um período de preparação mais ou menos longo, de meditação séria, de confronto com as possibilidades realizáveis, de conhecimentos dos obstáculos que possam diminuir a intensidade do ritmo de vida, bem como uma noção exata do valor pessoal. Depois de um período de preparação adequada haverá possibilidade prática de viver-se o ideal escolhido, amadurecido e conscientemente querido.

### **Bases do ideal**

Todo ideal elevado, nobre, dignificante deve assentar-se sobre princípios sólidos, sobre conhecimentos seguros e claros, convicções fortes e

já de antemão experimentadas. O ideal não pode ser a sombra de uma sombra. Não pode ser uma exalação suave mas passageira! Poucos educadores vivem o ideal puro, total, sem deixar-se aliciar ou atrair por alguma coisa menos reta ou interesseira. As idéias, mesmo sendo abstratas, pouco ou tanto exercem influência também nas almas de escol, nos espíritos bem formados.

Sem a ação eficaz da vontade não se vive totalmente o ideal, por ótimo que seja. Não é suficiente sentir o ideal! Deve ser realizado sempre. Sentí-lo de maneira intensa e vivê-lo perfeitamente: eis a cúpula da perfeição.

Também não pode haver ideal onde falta o espírito de sacrifício. Toda vida de sacrifício é consequência da fidelidade ao ideal escolhido. E o sacrifício é essencialmente renúncia. Renunciar a que? A satisfação pessoal no trabalho de formação, à tentação de querer aparecer aos olhares curiosos, às exterioridades, para viver a consciência do dever.

O espírito de sacrifício que resulta do ideal nunca levará o educador a gestos ou atitudes solenes, marciais ou então demagógicas, porque saberá divisar nisto um sentimento baixo de exibicionismo ou de satisfação a algum interesse pessoal

### Colorir o ideal

A expressão é de Ribot. Aqui está o cunho marcadamente pessoal. Dar vida ao ideal educativo, para que não se cristalice e transforme em meio fácil de passar-se o tempo. Colorir o ideal é transformá-lo em sentimento intenso e até em paixão bem dirigida.

Quando existe de fato o esforço de renovação nas diretrizes do ideal, afasta-se automaticamente o perigo do automatismo, do impersonalismo nos trabalhos de formação. É sempre verdade que o ideal aclara as sendas do dever, realiza a personalidade e leva à meta. Colorir não quer dizer desviar-se do rumo, perder-se em passatempos, em frivolidade, em sonhos vagos, na vaidade de aparecer.

Muitos frutos se obteriam na educação se os mestres católicos se imbuíssem do ideal salvador de Cristo. Não é que trabalhem sem ideal, sem finalidades espirituais até, mas é que este ideal permanece no sub-consciente, não atua em primeiro plano, não apresenta as variações de uma inventiva inteligente e ativa.

### Marcha-a-ré

É sempre difícil refazer o caminho!... Mas há ocasiões em que não há outra alternativa. Se os moventes de atuação no campo da educação não foram sempre os de um ideal divino, é mister retomar fôlego, adquirir ou avivar o ideal nobre. Todos reclamam por reformas. Apresentam-se projetos. Os pais se queixam que não formamos para a vida. Será que nós educadores católicos entendemos bem o que seja vida, formar para a vida, levar a vida às almas ?

Não é voz isolada que reclama por maior compreensão. Penso que também em nós haja alguma reclamação, porque nem sempre levamos tudo o que poderíamos dar. Há um ardor que não inflama; uma operosidade que não excita à iniciativa e que não afugenta a indolência; uma dedicação que não passa de comodismo ou satisfação de inclinações naturais; uma força que definha porque não é avivada por um verdadeiro ideal.

O imortal Pio XII, numa alocução aos professôres católicos em 7 de setembro de 1949 dizia-lhes: "Educadores de hoje, que vos apoiáis em normas seguras do passado, qual é o ideal de homens que quereis formar para o futuro? Vós encontrareis êste ideal fundamentalmente delineado no cristão perfeito. E dizendo cristão perfeito queremos aludir ao cristão de hoje; homem de seu tempo, conhecedor e cultor de todos os progressos da ciência e da técnica, cidadão estranho à vida que se vive hoje, na sua terra. Não terá o mundo de se arrepender se um número sempre maior dêses cristãos vier a penetrar tôdas as camadas da vida pública e particular. Compete em grande parte a vós, mestres, preparar esta benéfica penetração, dirigindo os ânimos dos discípulos à descoberta das inextinguíveis energias do cristianismo na obra de melhoramento e renovação dos povos. Não poupareis fadigas, portanto, para despertar tempestivamente a consciência moral dos jovens, de modo que na sucessão dos anos o homem honesto não venha a aparecer quase por acaso, como a última aventura de uma vida já muitas vêzes naufragada".

A lição é clara. Uma revisão nunca será prejudicial, mas nos vencerá que sem ideal não é possível educar.

## CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS

### ATIVIDADES DA CRB/MG. NO SEGUNDO SEMESTRE DE 1959

Numa perspectiva de conjunto, tentaremos relatar nosso movimento no segundo semestre do ano que se findou. Alguns relatórios serão apresentados.

As assembléias mensais ordinárias realizaram-se normalmente dentro do ambiente de nosso lema: "*Congregavit nos in unum Christi amor*". O local sempre o de costume — o Col. Imaculada Conceição das Filhas de Jesus. Várias vezes tivemos que convocar os Religiosos do Departamento de Educação e Ensino em reuniões extraordinárias, para tratar assuntos atinentes às necessidades de nossos Colégios. Respondendo ao apêlo da CRB/MG., a maioria das Escolas Normais do Estado entrosaram-se com a Secretaria da secção mineira, a fim de pedir vênua ao Sr. Secretário da Educação e sugerir a supressão das provas de Prática Profissional expedidas por aquêle Departamento a nossas Escolas Normais, ainda no ano letivo. Trabalho insano: circulares, telefonemas, telegramas, audiências com o Sr. Secretário etc, etc.

Nossos argumentos encontraram ressonância e o Decreto n.º 5.679, assinado pelo Sr. Governador do Estado, pôs termo às provas emitidas pelo SOEN, ficando respeitada a liberdade de cátedra proclamada pela Constituição e mantida a autoridade do Professor que uma vez considerado idôneo para lecionar, deverá, ipso facto, atribuir as notas de sua cadeira. Sentimos a verdade inserida no adágio: "A união faz a fôrça".

Avolumam-se em proporções crescentes nossos trabalhos: correspondências, serviços de procuratórios, isenções de impostos, informações, encaminhamento de doentes, amparo a jovens e outros assuntos mais. O problema cruciante é a falta de pessoal para dedicar-se por algumas horas diárias ao nosso trabalho.

Tivéssemos mais operários, nossos empreendimentos seriam mais eficientes, mais perfeitos, logo mais satisfatórios. Porisso clamamos por obreiros da messe:

"Ó Senhor, a ceara é imensa... Enviai operários, Senhor!..."

Apesar da escassez do pessoal da linha de frente, tem-se conseguido muito, graças a Deus: É profundamente consolador aos nossos corações abertos para a universalidade não só ver, mas sentir que a mistura de vestes talares hodiernamente tem outra significação para nós. Não é apenas agregar Ordens e Congregações diversas para usufruir cada qual para si e fechar-se no círculo de suas atividades... Não. Hoje, numa perspectiva profundamente cristã-religiosa, nossos encontros tornaram-se mais familiares, pois pelo mero fato de sermos batizados pertencemos todos à grande família da Igreja; ao Corpo Místico de Cristo; como Religiosos, sentimos-nos profissionais da santidade, desposados com a Cabeça deste Corpo — Jesus Cristo Nosso Senhor. Como compreender reunião de Religiosos que se acotovelam e não se cumprimentam e menos ainda trocam palavras?... Coisa estranda, porém era a realidade. Sentia-se o problema que se deparava como grande incógnita. Onde estaria a solução? Quando seríamos mais abertos para a catolicidade, quando seríamos mais eclesiais? Não tivesse a CRB. nada mais feito que a união dos Religiosos, já teria feito muitíssimo. Ponto fulcral de nossa vida — a caridade, porque Cristo é amor, sua Igreja é amor, sua

doutrina é também amor, virtude perene: transporá os umbrais da eternidade.

Deus, por sua Mãe Imaculada, abençoe os trabalhos da CRB, no novo ano de 1960, fazendo que se inflame cada vez mais em todos nós a caridade e possamos em verdade ser o sal da terra, luz que espanca trevas, verídicos mensageiros do Mestre do amor e nosso lema será cada vez maior realidade: "*Congregavit nos in unum Christi Amor*", votos sinceros da Secção Mineira da CRB.

(Madre Secretária, F. I.)

#### *Departamento de Catecismo da C. R. B.*

As atividades do primeiro trimestre do corrente ano já tendo sido enviadas, iniciaremos êste relatório a partir do mês de abril.

A pedido do Revmo. Vigário da Boa Viagem, o Padre Rególia, S.S.S., o Departamento coordenou o ensino religioso no Instituto de Educação, tanto para o Curso de Formação como para o Ginásio, num total de 30 turmas.

Apesar de não possuímos ainda professoras de religião especializadas para o nível secundário, o ensino foi mantido sem interrupção, pois, uma equipe de substitutas preenchia as ausências das professoras responsáveis pelas turmas.

Êste ensino foi ministrado por três religiosas, Madre Maria Leticia, O. P. Madre Mestra das religiosas Dominicanas, Soeür Zélia Maria de Sion, encarregada do Curso de Formação no seu Colégio, Madre Cavalcanti, secretária do Departamento de Catecismo da C.R.B., e por ex-alunas das religiosas de Sion, Filhas de Jesus, Servas do Espírito Santo, Sacramentinas de Nossa Senhora, Santa Marcelina, Dominicanas do Colégio Santa Maria e Salesianas.

Devemos mencionar o interesse e cooperação do Diretor Geral do Instituto, Professor Leôncio Amaral e dos Diretores dos Cursos de Formação e do Ginásio, respectivamente Professora Efigênia Bhering Lessa e Professor Duntalmo Prazeres, assim como a auxiliar dêste, a Professora Maria José Murta.

Procurado melhor coordenação e aproveitamento do ensino religioso a ser ministrado, várias reuniões foram realizadas no Convento de Nossa Senhora do Cenáculo, sob a orientação da Professora Maria Luiza de Almeida Cunha, desde muitos anos responsável pelo ensino religioso no Instituto, e da Secretária do Departamento de Catecismo, Madre Cavalcanti, auxiliadas pelas professoras de religião, Marinha Silva e Carmen Alvim.

As professoras mostraram-se, de modo geral, satisfeitas com a atmosfera de acolhimento e interesse demonstrada pelas alunas. Inquéritos foram realizados: "Como encara você a felicidade?" "Tem desejo de ser catequista?" sendo as respostas muito satisfatórias, e até mesmo encantadoras.

Provas de religião realizaram-se em tôdas as turmas, em junho e em novembro, para o Curso de Formação, sendo que, neste ultimo mês, a Diretoria do Ginásio fez questão que as alunas também participassem das provas.

A orientadora de Jardins da Infância, Professora Nazira Féres, tendo solicitado aulas de pedagogia Catequética durante o Curso de especialização para para Professoras de Jardins da Infância, organizado no Instituto de Educação pelo PABAE, a Secretária do Departamento, Madre Cavalcanti, dedicou quatro manhãs a um grupo de 40 professoras muito acolhedoras e interessadas. De-

mostrações práticas foram realizadas com crianças do Jardim do Instituto e do "Delfim Moreira".

Cursos Catequéticos especializados realizaram-se na maioria dos Colégios religiosos de nível secundário, apesar das dificuldades de tempo e de pessoal.

A 20 de setembro, as alunas dos referidos Cursos reuniram-se em Assembléia, no auditório do Colégio Imaculada, com a presença do Exmo. Bispo Auxiliar D. Serafim Fernandes de Araujo e do Exmo. Presidente da C. R. B. Seção de Minas Gerais, Revmo Padre Parreira; ambos dirigiram ao numeroso auditório palavras de orientação e de estímulo.

O tema da Assembléia girou em torno da Catequese; o programa executado foi o seguinte:

Abertura — Côro do Colégio Imaculada — Hino das vocações sacerdotais.  
Conferência Catequética — D. Serafim Fernandes Araujo, D. D. Bispo Auxiliar de Belo Horizonte.

Poesia — "Súplica a Maria" — por uma aluna do Colégio Santa Marcelina.  
Mapa religioso de Belo Horizonte — executado pelas alunas do Colégio Sacré Coeur de Jésus.

Saudação a D. Serafim — pelo Revmo. Pe. Parreira D. D. Presidente da C.R.B. — Seção de Minas Gerais.

Encerramento — Côro do Colégio Sagrado Coração de Jesus. — "Laudate"

Em outubro, a Irmã Maria Rafaela, Superiora das religiosas Oblatas do Espírito Santo, que, com muita capacidade, já atuava no Departamento de Ensino, foi chamada para desempenhar o cargo de Secretária do Departamento de Catecismo, substituindo Madre Cavalcanti, absorvida pelos trabalhos do Curso Catequético Nacional.

A distribuição dos Diplomas às alunas dos Cursos Catequéticos dos Colégios religiosos foi esmeradamente organizada pelo Diretor do Departamento, o Rvmo. Pe. Domingos Vermeulen, S. S. C. C. e pela Irmã Maria Rafaela.

No domingo, 6 de dezembro, às 16 horas, na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes, S. Excia. Revma. Dom João de Resende Costa, D.D. Arcebispo Coadjutor, celebrou a Santa Missa para as diplomandas, sendo o Credo cantado em Gregoriano. No auditório do Colégio Imaculada, seguiu-se a distribuição dos diplomas às 150 jovens que, não apenas frequentaram os Cursos especializados mas exerceram tôdas o apostolado catequético durante o corrente ano; com com o diploma receberam um registro que corresponde ao fichário arquivado na Conferência.

A sessão foi aberta pelo Revmo. Pe. Parreira, Presidente da C. R. B. A oradora da Turma, aluna do Colégio Pio XII, fez uma simpática alocação, e em seguida, D. Serafim Fernandes de Araujo, escolhido como paraninfo, esplendidamente discursou sobre a História da Catequese e sua candente atualidade.

Encerrando a sessão, D. João de Resende Costa animou as novas catequistas a desempenharem generosamente sua alta missão a serviço da Igreja.

*Departamento de Saúde da C. R. B.*

1. *Cursos*

a) Neste segundo semestre de 1959 foi continuado o Curso de Religião

para religiosas de hospitais, asilos e creches.

Foram ministradas 14 aulas de agosto a novembro.

Houve uma frequência de 16 religiosas.

b) De 9 a 14 de novembro, com a colaboração da Associação de Hospitais de Minas Gerais, foi realizada uma Jornada sobre Administração Hospitalar, com a participação de 22 religiosas e 2 leigas. Foram feitas 12 palestras, visitas a 3 (três) instituições hospitalares e uma demonstração prática.

## 2. Reuniões

Foi realizada apenas uma reunião do setor de Saúde

## 3. Relações com a Associação de Hospitais

Procuramos estar ao par do movimento da Associação dos Hospitais de Minas Gerais. Uma representante das Religiosas participou como membro da caravana que foi em Jornada a Juiz de Fora.

Conseguimos a colaboração da A.H.M.G. na organização da Jornada sobre Administração Hospitalar. O seu Presidente compareceu à sessão de abertura e ao encerramento.

Uma representante da C. R. B. compareceu à Assembléia Geral realizada no dia 17 de novembro, às 20 horas, na sede da A. H. M. G.

## 4. Exames de Práticos.

Este Departamento continua recebendo numerosos pedidos de informação sobre o andamento dos trabalhos dos exames de práticos de Enfermagem. Estamos estudando as possibilidades de permitir que religiosas, com boa prática, possam participar das aulas do Curso de Auxiliar de Enfermagem nas diversas Escolas, afim de poderem prestar o exame com melhor preparo. Aguardamos do Rio, do Departamento de Saúde da C.R.B. informações sobre a regulamentação da lei que autoriza esses exames. *Irmã Percília Aguiar S. Sp. S.*

## *Curso de Religião ministrado às mães de família*

Realizou-se no auditório do Colégio Imaculada Conceição, durante o mês de novembro, uma série de aulas de Religião ministrada pelo Revmo. Pe. Vicente Dias Piña, S. J. para mães.

Falando-se em aulas de Religião imagina-se não despertar interesse. Devido porém à excelência destas aulas, houve frequência regular do pequeno grupo que foi convidado.

Houvesse maior divulgação, grande teria sido o número de alunas.

O Pe. Dias, S. J. não se limitou a dar conselhos ou a dar aulas de moral. Deu aulas sobre os Dogmas, instruindo e esclarecendo as mais belas verdades de nossa Religião.

Mas como as pobres Mães de Família, vivendo entre problemas caseiros e já esquecidas do que aprenderam no colégio, poderiam entender e viver problemas tão difíceis?

Aí está a habilidade e inteligência do pregador que soube ensinar de modo simples e acessível a doutrina.

Como término dêste proveitoso curso, houve um retiro de três dias realizado no Cenáculo e Missa com comunhão de tôdas as alunas.

Êste curso foi de grande valor e utilidade para as mães que o seguiram.

Espera-se que para êste ano seja organizado outro curso em tórno do qual haja larga publicidade para que muitas mães de família dêle possam participar e dêle usufruir benefícios. *Therезinha Paixão Drummond*

## COMUNICAÇÕES

### *Bolsa de Estudos para Seminaristas criada pela Editôra Vozes*

Comunica-nos a Editôra Vozes Ltda. que na última reunião havida foi aprovada a resolução de se fundar uma Bolsa de Estudos, no valor de Cr\$ 150.000,00 em favor daquela Obra de Vocações Sacerdotais do Clero Regular ou Diocesano que colocar o maior número de Folhinhas do Sagrado Coração de Jesus.

Para regular a matéria foram estabelecidas as seguintes condições:

- 1) A inscrição será feita por carta, mediante a compra de 100 Folhinhas;
- 2) Estão habilitadas a concorrer ao prêmio aquelas O.V.S. que atingirem na compra a quota mínima de cinco mil Folhinhas;
- 3) A Bolsa de Estudo, em depósito na Editôra Vozes Ltda., renderá juros de 8% do momento em que a conta esteja definitivamente saldada;
- 4) Os juros serão pagos na época legal.

As vantagens existentes, que vêm favorecer a O.V.S., são: que a conhecida Folhinha do Sagrado Coração de Jesus faz periodicamente propaganda das Vocações Sacerdotais; e de fácil colocação; os dizeres do cromo serão, para a O.V.S., inteiramente gratis; o pagamento se fará no fim do ano, com apenas 20% de entrada para garantir a compra; para as O.V.S. vigorará a tabela progressiva, com 10% sobre o desconto normal.

### *Uma Revista de Cinema*

Já se foi o tempo em que os Padres e as Religiosas não se interessavam pelo Cinema. Muitos hoje em dia não só querem conhecer a classificação moral dos filmes, mas também a arte que o Cinema pode ser. Vários sacerdotes e religiosas frequentaram cursos de cinema, quando tiveram uma oportunidade para isso, e principalmente para êsses é indispensável, a fim de aumentarem os seus conhecimentos básicos de cinema, que continuem lendo e estudando.

Há mais de um ano o Brasil possui uma revista de cultura cinematográfica, editada pela União de Propagandistas Católicos (U.P.C.) de Belo Horizonte; é a "Revista de Cultura Cinematográfica", sob a direção de uma equipe de colaboradores qualificados que com sacrifício a sustentam. É tanto mais meritório êsse empreendimento, quanto mais se sabe como é difícil manter uma revista especializada, já por natureza restrita a um círculo limitado de especialistas e estudiosos.

É preciso apoiar essa iniciativa, assinando ou fazendo assinar essa Revista, única no seu gênero no Brasil, para que a mesma possa crescer e florescer. Pedidos à C. P. 552 — Belo Horizonte, MG — Preço da assinatura anual: Cr\$ 260,00 (12 números).

### *Sessões para Religiosas no Congresso Eucarístico Internacional*

Durante o Congresso Eucarístico Internacional de Munique será realizado também um Congresso Internacional de Religiosas, conforme desejo da Sagrada Congregação dos Religiosos. A Federação Alemã de Superiores Maiores Religiosas comunica-nos agora o programa a ser realizado, que consta do seguinte:

4 de agosto, Quinta Feira: Missa Pontifical na Igreja dos Teatinos (9 h.) com café logo após; Abertura do Congresso de Religiosas no Salão de Hércules (Herkulesaal) por um Prelado da Congregação dos Religiosos: Tema: "A Comunidade Religiosa e a Eucaristia" (Pe. Dr. Lothar OFM).

5 de agosto, Sexta Feira: Missa Pontifical; Alocução de S. Excia. Mons. Fougerat, Bispo de Grenoble (9 h.); Tema: "Piedade eucarística nas Religiosas" (Exmo. Sr. Roracher, de Salzburgo), 11 h.; Homenagem à Santa Cruz na Explanada do Congresso: Tema: "O único caminho perante as necessidades e angústias do mundo: sofrer com Cristo para ser glorificado com Ele" (20 h.).

6 de agosto, Sábado: Missa Pontifical na igreja dos Teatinos (9 h.); Tema: "Estruturação da Vida religiosa na Eucaristia" (Pe. Frei Hophan OFM Cap., Luzerna), 11 h.; "Consecratio mundi", Missa Pontifical em Rito Bizantino, renovação das promessas do Batismo e distribuição de velas (19,15 h.).

7 de agosto, Domingo: Missa Solene Principal do Congresso Eucarístico na Explanada de Teresa (Theresienwiese), Mensagem do Santo Padre, Procissão.

8 de agosto, Segunda Feira: Assistência livre à representação do Auto da Paixão, em Erl ou em Oberammergau.

As inscrições (20 marcos) podem ser enviadas ao Secretariado da Federação Alemã de Superiores Maiores: *Generalsekretariat der VHOD, Dusseldorf, Gladbacherstrasse 26.*

### BIBLIOGRAFIA

#### Livros enviados à Redação:

Mehelire Sauvage. SÓCRATES E A CONSCIÊNCIA DO HOMEM (Coleção "Mestres Espirituais") Tradução de Ruy Flores Lopes. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1959. 194 pgs. 1<sup>o</sup>.

MARTINS FONTES — POESIA, por Casiano Ricardo (Coleção "Nosso Clássico", n.º 40). Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1959. 108 pgs.

Gertrud von le Fort. HINOS À IGREJA. Tradução de Tasso da Silveira. Salvador, Editora Mensageiro da Fé, 1958. 116 pgs.

Armando de Saint-Brisson Pereira. O TRIBUNAL DA PENITENCIA. Juiz de Fora, Companhia Dia; Cardoso S. A., 1958. 24 pgs.

Armando de Saint-Brisson Pereira. O EXERCITO AZUL DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. 2a. edição. Juiz de Fora, Gráfica Comércio e Indústria Ltda., 1959. 56 pgs.

Miran de Barros Latif. O HOMEM E O TRÓPICO — UMA EXPERIENCIA BRASILEIRA (Coleção "Temas Atuais"). Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1959. 236 pgs.

Sérgio Muniz de Souza. DELINQUENCIA JUVENIL (Coleção "Temas Atuais"). Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1959. 168 pgs.

Frei Casimiro M. de Orleans OFM Cap PAI DOS COROADOS (Biografia de Frei Timóteo de Castelnuovo, Missionário no Paraná). Curitiba, Tipografia Max Roesner, 1960. 270 pgs. 11s.

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 21 de março de 1960

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFM Cap.

Censor Eclesiástico.